



BUSCANDO CAMINHOS ENTRE A VIOLÊNCIA E FÉ



ELI CHIU PEREIRA

**BUSCANDO CAMINHOS ENTRE
VIOLÊNCIA E FÉ**

UM ESTUDO SOBRE ADOLESCÊNCIA DELINQUENTE

PORTO ALEGRE

2003

ELI CHIU PEREIRA

**BUSCANDO CAMINHOS ENTRE
VIOLÊNCIA E FÉ**

UM ESTUDO DA ADOLESCÊNCIA DELINQUENTE

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-graduação da
Faculdade de Educação da
Universidade Federal do Rio Grande
do Sul, para obtenção do título de
Mestre em Educação.

Orientadora:

Profa Dra Maria Nestrovsky Folberg

PORTO ALEGRE

2003

**DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO
BIBLIOTECA SETORIAL DE EDUCAÇÃO da UFRGS, Porto Alegre. BR-RS**

P436b Pereira, Eli Chiu

Buscando caminhos entre violência e fé : um estudo da adolescência delinqüente / Eli Chiu Pereira. - Porto Alegre : UFRGS, 2003 f..

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Faculdade de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação, Porto Alegre, BR-RS, 2003. Folberg, Maria Nestrovsky, orient.

1. Violência - Adolescente - Ensino público. 2. Violência - Fé - Religião - Psicanálise. I . Folberg, Maria Nestrovsky. II. Título.

CDU - 159.922.8

Bibliotecária: Jacira Gil Bernardes - CRB-10/463

Dedicatória

*Para aqueles que no sofrimento
têm a coragem de buscar uma
ressignificação nas suas vidas no
amor e desejo do outro, e
caminhar rumo à felicidade.*

*Ainda que eu falasse línguas,
a dos homens e a dos anjos,
se eu não tivesse o amor,
seria como um bronze que soa
ou como um címbalo que tine.
O amor é paciente,
o amor é prestativo,
não é invejoso, não se ostenta,
não se incha de orgulho.
Nada faz de inconveniente,
não procura seu próprio
interesse,
não irrita, não guarda rancor.
Não se alegra com a injustiça,
mas se regozija com a verdade.
Tudo desculpa, tudo crê,
tudo espera, tudo suporta.
O amor jamais passará.*

(Romanos 13, 1)

Na alegria de terminar este trabalho quero agradecer:

A Deus que me precedeu e com sua Graça, sustentou meu desejo de busca;

À Prof.a Dra. Maria Folberg, que acolheu, acreditou e descobriu o meu desejo de aprender, pelo seu carinho e compreensão;

Ao Odair, que com o seu amor e cuidado, esteve sempre ao meu lado para ajudar a transformar o meu “monstrinho” em uma linda borboleta;

Aos meus filhos: Tanny, Christian, Adriani e Rhaoni, que compreenderam, apoiaram e ajudaram a vencer meus medos e colocar no papel um pouco de mim;

À minha comunidade Neocatecumenal e aos meus catequistas, que com suas orações e escuta, me deram tempo e força para continuar;

Aos colegas do NEPPE que contribuíram com o seu desejo e opiniões valiosas;

À FASE que abriu as portas da instituição, para poder fazer a pesquisa;

Aos adolescentes privados de liberdade, que me ensinaram a descobrir a riqueza de seus corações esmagados pelo sofrimento e angústia.

Muito obrigado e que Deus os abençoe.

SUMÁRIO

1.A BUSCA	12
1.1 No caminho da violência	16
1.2 No caminho da religião	22
1.3 No caminho da Fé	25
1.4 Encontrando a adolescência	36
1.5 A adolescência transgressora / delinqüente	40
2. O ENCONTRO	48
2.1 Escutando os adolescentes	49
2.2 Falando da família	50
2.3 Lembrando da escola	57
2.4 O sofrimento: delito / transgressões	60
2.5 A vivência religiosa	62
2.6 O que sabem da fé	65
2.7 Os sonhos	68
2.8 A dependência	71
3. CRISÁLIDA	74
4. A METAMORFOSE	85
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	89
6. ANEXO A	103

LISTA DE FIGURAS

1. Relação Entre os Pais	52
2. Relação com a Mãe.....	53
3. Marcas da Relação com a Mãe.....	54
4. Relação com o Pai	55
5. Lembranças da Infância	57
6. Lembrança da Escola.....	58
7. Escolaridade – Última Série Cursada.....	59
8. Causas da Internação	60
8 ^A . Número de Homicídios	61
9. Religião	62
10. Nome da Religião.....	63
11. Necessidade da Religião.....	64
12. A Religião Ajuda as Pessoas	64
13. Noção de Deus.....	65
14. Fé	66
15. Importância da Fé.....	67
16. O que Mudaria na sua Vida.....	69
17. Planos Para o Futuro.....	70

APRESENTAÇÃO

Este trabalho teve a ousadia de transgredir o tradicional esquema de dissertação, porém sem perder os elementos necessários que o caracterizam enquanto um estudo científico.

Seus capítulos foram divididos em quatro segmentos. Seguem a seqüência tradicional das dissertações, porém com outra linguagem. No primeiro capítulo estão a introdução, objetivos e o embasamento teórico. O segundo capítulo relata a pesquisa feita na instituição através das entrevistas com os adolescentes. No terceiro capítulo, tem início a conclusão, onde foram sendo traçados através da interlocução da psicanálise com outros campos teóricos, os caminhos que possibilitem a busca de uma solução para a questão de pesquisa. No quarto capítulo continua a conclusão, dando um parecer pessoal da autora.

Na verdade, este trabalho tem a pretensão de incomodar e desacomodar as pessoas, mostrando a realidade da violência e provocando aqueles que, mobilizados por esta situação, busquem caminhos.

RESUMO

Este trabalho de pesquisa parte da experiência da autora em escolas públicas e objetiva um estudo sobre o fenômeno da violência do adolescente, manifesta no cotidiano do mundo contemporâneo. Busca identificar, pela fala dos adolescentes, especificamente aqueles privados de liberdade, quais situações nas histórias de suas vidas geraram marcas que os levaram a transgredir as normas sociais vigentes, chegando à privação de liberdade, encaminhando-os a instituições fechadas.

Pelas suas falas, procurou-se construir uma rede de inter-locução entre a psicanálise, a filosofia, e a teologia, onde foi se constituindo uma reflexão que transpõe o racional, buscando na dimensão da fé, caminhos que possam, talvez, propor aos adolescentes “rotulados” como marginais, isto é, à margem do convívio social, uma possibilidade de retorno ao mesmo.

No referencial teórico foi construída uma reflexão para que se pudesse detectar e relacionar a religião e a fé, com os estudos de Sigmund Freud e Oskar Pfister, bem como outros psicanalistas e teólogos que tenham usado da psicanálise para poder ajudar os outros em seus sofrimentos.

ABSTRACT

This research work, has bases on the author's experience in public schools and aims to study the phenomenom of violence in teenagers manifested in our everyday world. It also seeks to identify through the reports of the teenagers, specially those kept apart from freedom, what situations in the history of their lives, generated marks which led them to transgress social rules, even loose freedom and leading them to closed institutions.

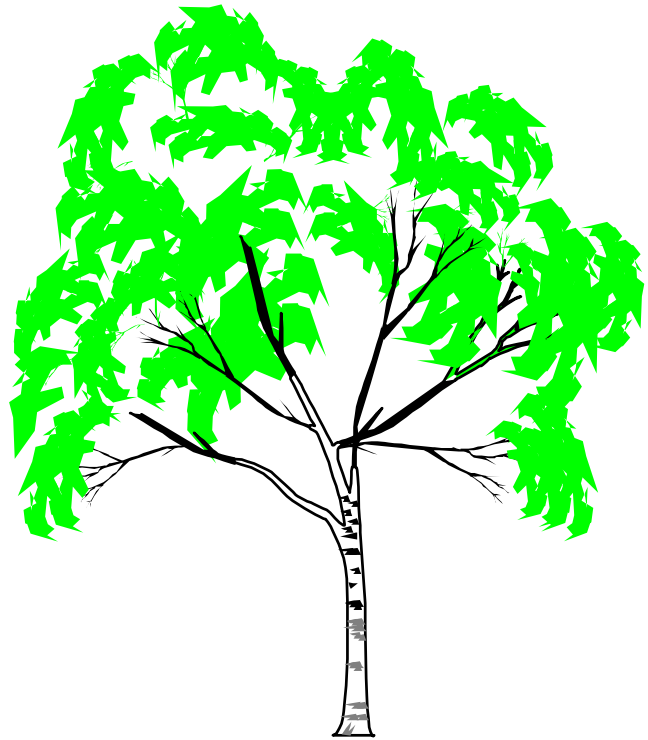
Through their reports it was tried to build a net among psychoanalysis, philosophy and theology , where was made a concept on reflexion which transposes racionallity, seeking in the faith dimension paths which might propose the teenagers, "labeled" as marginals, i.e, on the edge of social dwelling a possibility of return.

In the theoretical reference, it was built a reflexion, so that religion and faith could be detected and related, with the studies of Sigmund Freud and Oskar Pfister as well as other psychoanalysts and theologians who have been using psychoanalysis to help others in their suffering.

Onde é que te escondeste,
Amado, e me deixaste com gemido?
Como o cervo fugiste,
Havendo me ferido;
Sai, por ti clamando, e eras já ido.

Ó bosques e espessuras,
Plantadas pela mão de meu Amado!
Ó prado de verduras,
De flores esmaltado,
Dizei-me se por vós ele há passado.

São João da Cruz



1 . A BUSCA

“Buscar o conhecimento de si, é seguir a intuição e ouvir a silenciosa voz que nasce da escuta de si mesmo”

Eli

Um tema tem aparecido na mídia tanto em forma de notícia como no avelho de muitas das problemáticas apresentadas e discutidas por todos; afinal, ele mobiliza, gera questionamentos, modificações de hábitos e um mal estar: estamos falando da **violência**.

O mundo ainda fica consternado com a incidência de casos de violência nas escolas de ensino fundamental e médio, que agregam um número muito grande de alunos a partir de sete anos. A Educação fundamental abrange uma formação de oito anos, nos quais os estudantes permanecem até a adolescência. Devido a repetência, este tempo pode ser prolongado e muitas vezes temos jovens adultos freqüentando a mesma sala com pré-adolescentes.

No Brasil, a violência praticada por jovens é um fenômeno assustador e está presente na mídia e no cotidiano, deixando a população perplexa, sem saber o que fazer e como conviver com esse problema. As pesquisas sobre as causas que conduzem à violência não acompanham o ritmo crescente dos crimes praticados por adolescentes. No momento caótico em que vive a sociedade contemporânea, valores éticos estão sendo questionados. *A escola tem apresentado uma lentidão muito grande em identificar a origem da violência e propor soluções, principalmente em seu próprio espaço.*

A escolha deste tema para um estudo acadêmico deve-se à minha experiência profissional como supervisora e professora em escolas públicas e particulares. Na lida diária com alunos (crianças e adolescentes), tenho presenciado situações de conflito entre eles e os professores, cuja repercussão tem sido das mais graves e, não raras vezes, com encaminhamentos para o Conselho Tutelar. Sabemos que a escola ocupa

um espaço considerável na vida dos adolescentes e das crianças; nela há possibilidades de implementação de ações educativas que previnam o aumento dos incidentes que possam conduzir adolescentes às sanções sócio-educativas ou de privação de liberdade.

A escola é a primeira instituição social em que a criança participa, depois da família, e congrega diferentes personalidades interagindo em busca de um objetivo comum: a educação. A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394/96 determina uma transformação na Educação Nacional, substituindo os conteúdos pré-fixados na antiga lei, por princípios que, embasados nas novas teorias psicológicas, cognitivas e interacionistas, propõem uma educação [...] *" inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho."* (LDB 9394/96, Art. 02°).

A aplicação na prática dessas novas teorias transformaram o processo de aprendizagem, onde o professor(a) passa a atuar como um mediador, organizando o conhecimento a ser adquirido, além de proporcionar espaços para que o aluno possa interagir com os outros, constituindo-se como ser humano autônomo. Rodrigues (1997) enfatiza que *"A educação é decisiva porque ela é responsável pela formação do ser humano - se não houver educação, não há formação do ser humano."* (:10). Para o sujeito construir sua própria história, a educação se faz necessária, que o "ser humano" não é uma condição ontogênica do sujeito; ele é *"...formado" para ser humano, para viver no mundo da cultura, o mundo produzido pelos homens.*" (id). Assim o art.02° ao indicar a preparação para o exercício da cidadania dentro dos princípios da liberdade e solidariedade, propõe uma nova maneira de ser e de relacionar do professor(a).

Hoje misturam-se as várias tendências pedagógicas. Então, encontramos escolas tradicionais que ainda mantêm o ensinar apenas como transmissão de conteúdos; outras, como "a escola por ciclos", estão se readequando às novas tendências pedagógicas, propondo uma construção do conhecimento fundamentada em teorias que respeitem a etapa de

desenvolvimento do educando, das suas habilidades e competências. Porém, as situações de violência continuam presentes nas escolas independentemente da metodologia e teoria pedagógica utilizada, levando a pensar que se deve atribuir essa violência a outras causas, talvez de ordem sócio cultural que ultrapassa os limites deste estudo.

A escola também tem “sofrido” com as atitudes agressivas e cruéis dos seus alunos entre si e na relação com os adultos. Tenho percebido em vários encontros com educadores de escolas públicas e particulares que em seus discursos, apresentam receios de assumir atitudes nas ações educativas, como acolher, orientar e encaminhar os alunos que apresentam comportamentos inadequados, com medo das represálias principalmente por parte dos mais violentos, das gangues a que pertencem esses alunos, dos traficantes da comunidade, da família que tem uma estrutura mais agressiva e perversa e que ameaçam com denúncias no Conselho Tutelar.

A implementação do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) está resultando em uma nova realidade de difícil manejo para os professores da sala de aula: alunos que por ordem do Conselho Tutelar retornam à escola e são obrigados a freqüentar as aulas, sem terem para isso o mínimo desejo. Na antiga lei 5692/71, após mais de 25% de faltas, eles eram considerados evadidos e excluídos da escola o que diminuía situações de conflitos entre os alunos e os professores pois, os alunos que não estavam a fim de estudar faltavam constantemente até completarem os 25 %, então eram considerados evadidos; hoje o ECA obriga a escola a um trabalho de busca dos alunos faltosos e a sua reinserção na sala de aula. Esses que por suas histórias de vida, não conseguem se adaptar aos esquemas e rotinas de uma sala de aula "normal", necessitam de um atendimento diferenciado. Essa inadequação tem aumentado as situações de conflito entre professores e alunos, alunos com alunos, gerando um clima de agressão e violência, deixando os adultos perplexos, angustiados e paralisados pela impotência, do quê fazer, perante essas situações.

Nas décadas passadas, havia uma postura muito mais definida por parte das famílias que, transmitiam seus valores com mais segurança e

investiam nisso acreditando que os capacitarium a buscar uma profissão e serem bem sucedidos nela. Sem questionamentos, os conflitos existentes eram reprimidos pela escola, e não se falava sobre a validade da "formação" dada pela família ou pela "educação" dada pela escola, que nos parece autocrática.

O aluno "recebia" o ensino dos conteúdos estabelecidos pela lei, sujeitando-se a padrões de comportamento definidos através dos direitos e deveres, o mesmo acontecendo com pais e professores. Os problemas de comportamento ou o fracasso escolar, eram resolvidos pela escola, com o aval dos pais. Por exemplo: se um aluno brigava com o seu colega, havia procedimentos regimentais que previam sanções. Os alunos eram punidos; os pais, notificados, assumiam uma postura disciplinar e repreendiam seu filho, reforçando o discurso da escola, e o assunto estava resolvido. O aluno que repetia por mais de duas vezes o ano era " convidado" a procurar outra escola. Os professores "sentiam" segurança no desempenho da sua função, sabiam o que fazer nos casos de conflitos interpessoais. Os alunos, em contra partida, sabiam quais os comportamentos exigidos pela escola e pelos professores. Tinham receio de questionar a validade ou a adequação do processo de ensino, bem como as relações de poder. A fala do(a) professor(a) era a lei, sua autoridade dava o limite.

Na década de 60, a geração jovem sentia-se presa a essas tradições e começaram a rompê-la buscando novas posturas, surgindo os hippies com o slogan de PAZ E AMOR, questionando a sociedade e a violência, propondo um novo conceito de vida que rompia, segundo eles, com os "dogmas" reprimentes os tornavam "infelizes".

A família tradicional, composta de pai, mãe e filhos; tem se transformado paulatinamente. Outrora, os pais reproduziam o comportamento de seus pais, assumiam os seus valores; os filhos eram aceitos e educados dentro dos padrões morais de seus antepassados, havia segurança no que entendiam ser sua função.

A situação sócio econômica obrigou pais e mães a se ausentarem por mais tempo de casa, deixando os filhos, e a educação deles, sob a

responsabilidade de terceiros. Num mundo globalizado, as informações estão sendo absorvidas sem uma consciência crítica tornando-se “verdades absolutas”. Nosso conhecimento está se ampliando na medida em que crescem o número de pesquisas nas áreas tecnológica e científica. Acrescenta-se aqui os estudos sobre a psique. A presença da mídia no cotidiano das pessoas, principalmente da televisão, propõe debates sobre valores e tradições, mudando as relações familiares, causando brechas e espaços vazios nas funções materna e paterna.

O Estado tem assumido a responsabilidade do controle da violência; para isso, age de uma forma punitiva, usando como estratégia a retirada do infrator do meio da sociedade e colocando-o em instituições penais. Observa-se um processo perverso e cruel, a violência se instaura nas instituições e transborda para a sociedade, que exige do Estado uma atitude mais eficaz. Como este não dá conta dessa função, vai tirando da sociedade esses “elementos” violentos, prendendo e institucionalizando-os. Nessas instituições, as ações educativas e o resgate desse sujeito (violento) deixam muito a desejar, a ponto de serem consideradas como uma “escola” de graduação e pós graduação em delitos e crimes.

1.1. NO CAMINHO DA VIOLÊNCIA

A complexidade do ser humano proporciona um espaço para buscar, através de pesquisa, conhecimentos que se tornam riquezas nos vários campos teóricos. O fenômeno da violência tem várias definições oriundas de estudos das diferentes áreas do conhecimento. Para refletir sobre a violência, busquei construir uma definição que possibilitasse a compreensão desse fenômeno a partir de uma leitura da subjetividade que constitui o sujeito.

O Dicionário da Língua Portuguesa (Ferreira, 1986: 1779-1780) *violência* (Do lat. *violentia*) registra as seguintes definições: 1. *Qualidade de violento.* 2. *Ato violento.* 3. *Ato de violentar.* 4. *Jur. Constrangimento físico ou moral; uso da força; coação.* E violento é aquele que: 1. *Que age com*

ímpeto; impetuoso. 2. Que se exerce com força. 3. Agitado, tumultuoso. 4. Irascível, irritadiço. 5. Intenso, veemente. 6. Em que se faz uso da força bruta. 7. Contrário ao direito e à justiça.

Existe no ser humano um processo pouco investigado que é a “transformação interior”. Como pode esse **ser** modificar seu comportamento, caráter e personalidade?

A essa transformação darei o nome de **metamorfose**, que as ciências naturais estudam no processo da crisálida. Segundo Ferreira (1986:499) é “*O estado intermediário por que passam os lepidópteros para se transformarem de lagarta em borboleta.*” Assim, as modificações profundas no ser humano, que transformam radicalmente as pessoas, também podem ser chamadas de metamorfose, momento onde o sujeito percebe o seu semelhante e onde consegue criar uma relação na qual há predominância do amor que se tornará visível em todas as suas ações.

O contrário do amor é a violência, que fica para mim, construída conceitualmente como: a incapacidade do sujeito (violento) em ver o outro como seu semelhante e de sair do seu lugar egóico, submetendo-o a realização dos seus desejos através de recursos cruéis e perversos.

Em **Totem e Tabu** (1912), Freud inicia o estudo da relação do inconsciente dos sujeitos com a cultura; ele analisa o desejo inconsciente, mais antigo e forte do ser humano e a necessidade da criação dos tabus para instaurar um limite na vivência em grupo. Esses tabus estão relacionados ao totemismo, não matar o animal totemico e não manter relações sexuais com pessoas do sexo oposto que compõem o mesmo clã totemico. Assim, segundo Frazer (in Enriquez, 1999 :44), “*a lei pune o que não é punido pela própria natureza.*”

Freud tem a intenção de refletir sobre a origem do vínculo social, oriundo da cumplicidade dos irmãos no assassinato do pai da horda, para que pudessem se apropriar dos poderes que o pai possuía. O assassinato do pai, e o desejo pela mãe ou irmã, não ocupam um lugar definido na história mas representam de forma simbólica um sonho antigo da busca pelo poder e domínio.

Na primeira parte desse escrito, Freud demonstra a importância do incesto na vida dos sujeitos, partindo do cuidado que os povos selvagens tinham no respeito à proibição do incesto (mesmo os que não possuíam uma cultura restritiva e impositiva como a nossa). Neste texto começa a ser delineado por Freud a questão do vínculo social que neste momento é baseado nas relações totêmicas e criam o interdito das não-relações sexuais entre familiares, principalmente parentes em primeiro grau. Começa também a formulação do complexo de Édipo que marca originariamente o sujeito quanto ao seu desejo, sendo este deslocado para diferentes e variadas situações e que é buscado por toda a vida.

Outro dado apresentado no texto, é que a organização e o vínculo social estão alicerçados na repressão da sexualidade do homem primitivo. Assim poderá ser chamado de primitivo o homem que reprime o seu impulso sexual, por convenções sociais, neste caso as totêmicas ?

A teoria de Freud baseia-se nas questões da sexualidade e em como os sujeitos lidam com ela, sendo que a marca do neurótico está na presença de traços da sua impossibilidade de separar os desejos libidinais que tem pela mãe e buscar um outro objeto real do seu desejo. O estudo realizado em Totem e Tabu, se atualiza hoje na família contemporânea com a “herança” recebida desses ancestrais como: o sobrenome ou o nome de família que hoje está substituindo o nome do clã e os antigos brasões, símbolos dos totens do povo primitivo.

Na atualidade, a figura feminina, em algumas instituições, continua sendo preservada como naqueles tempos antigos onde o controle e o cuidado com as relações incestuosas eram severas.

No ano de 2002, quando fazia a pesquisa exploratória com a assistente social da Fase (Fundação de Atendimento Sócio Educativo) e conhecendo uma das unidades onde os adolescentes infratores estão cumprindo medida de privação de liberdade, de repente, encontramos um dos adolescentes internos que passava no mesmo corredor. Percebendo a nossa aproximação, o adolescente parou e virou de frente para uma parede, ficando de costas para nós enquanto passávamos, saindo dessa posição

somente após a nossa saída do corredor. Perguntando ao oficial responsável pela segurança que nos acompanhava, o porquê dessa atitude sua resposta foi: — *Existe dentro desta casa uma regra muito séria, que todos os internos devem respeitar: não podem olhar para nenhuma mulher que não seja de sua família ou sua namorada. Os que transgredirem esse interdito são punidos severamente.* É importante destacar que este “castigo” não está nas normas da instituição, mas, no imaginário dos internos; mesmo tendo sido trabalhado a fim de romper com isso, os adolescentes continuam insistindo nessa regra.

O texto freudiano levanta uma outra questão: caso não proibissem as relações incestuosas, elas formariam com o passar dos tempos uma imensa rede de pessoas consangüíneas. Ficaria difícil identificar os indivíduos pertencentes a um mesmo totem e tornaria possível relações sexuais incestuosas, sem o conhecimento dos elementos do clã. Nas tribos primitivas havia um cuidado e uma vigilância sobre as relações incestuosas. Hoje, no século XXI, vemos que o incesto continua acontecendo e que o grupo social tem apresentado dificuldades em controlar e administrar esse “desvio” gerando um grande sofrimento às vítimas, pois na maioria das vezes está acompanhado da violência e do abuso sexual. Como classificar a sociedade contemporânea, que não respeita seus “totens e tabus”? Se os primitivos eram selvagens, o que somos nós hoje?

Freud aponta que ao transgredir e tocar o Totem, ou romper o Tabu, o infrator torna-se objeto de repúdio pelo restante do clã porque pode induzi-los a fazer o mesmo. O surgimento da religião cristã divulgou que todo ser humano é filho de Deus, reproduzindo assim, o pai da horda, e torna o ser humano um totem, gerando um tabu: não poder ser tocado. O infrator do tabu deve ser, então, punido. Hoje, a partir das transgressões ao tabu, criou-se regras, normas, e punições que culturalmente vêm sendo aceitas. Temos, assim, as leis na sociedade: aqueles que a infringem ou rompem-nas são considerados infratores, portanto, passíveis de castigos, sofrimento e penas, definições registradas no Código Penal. Diz Silva (2001:94):

A questão da racionalização da violência é colocada como elemento estruturador do Estado moderno, que elencou para si o direito de punir, de mediador-eliminador da vindita privada

Em outras palavras, o Estado moderno substituiu os "castigos feitos em praça pública," por um controle do comportamento do sujeito. As punições advindas das leis devem ser cumpridas em lugares fechados, surgindo, assim, a idéia de correção dos indivíduos que não se submetem ao sistema. Estes devem ser retirados do convívio social. Apareceram, então as prisões ou instituições corretivas. Significa dizer que: "*a racionalização penal do Estado Moderno*" (Silva, 2001:117), troca a violência das punições públicas aos transgressores da lei por um domínio sobre o comportamento do sujeito a fim de corrigí-lo; a idéia desse processo dá origem ao sistema penitenciário. Silva (id) observa que desde 08.07.1769 uma Carta Régia ordenava a criação de uma Casa de Correção no Rio de Janeiro; 1850 em São Paulo e, em 1855, no Rio Grande do Sul. O Código Criminal é supostamente o resultado do processo pelo qual passou a "civilização" ao eliminar o castigo com violência física e com a participação pública, considerado um acontecimento importante na cultura medieval. Atualmente, os castigos violentos "continuam" sendo praticados mas longe do olhar da sociedade. Segundo Silva (id), para que se reduza a intensidade dos impulsos violentos, hoje se adota um modo mais racional nos processos de contenção dos instintos: as leis. Continua ele (id :121) considerando a violência como: "... *estruturante do Estado no caso do absolutismo, a marca do poder do rei inscrita no corpo dos réus; no caso do Estado Moderno, de direito, o domínio da razão e do controle especializado*"

O controle especializado está na contemporaneidade sob a responsabilidade das instituições totais. Wunderlich (in Gauer, 2001,:141-142)) diz que:

As instituições totais, como por exemplo as prisões e os manicômios (como parte do sistema repressivo penal), servem como instrumentos de controle social, verdadeiros aparatos estatais destinados a punições. Trata-se,

evidentemente, de violência institucionalizada, uma característica da sociedade moderna.

E continua o autor defendendo que é necessário, para o estudo da violência, um enfoque transdisciplinar e considera que a psiquiatria e a justiça criminal estão unidas no imaginário jurídico: ambas tratam de comportamento, associando a doença e a delinqüência, considerados como desvios no ser humano. Wunderlich considera, a legislação atual uma forma de "*combater a violência com outra violência*".

Freud explica, sob o ponto de vista da psicanálise, o início da cultura/civilização e as satisfações simbólicas usadas como num sonho (algo inconscientemente desejado). Levi-Strauss (in Ênriquez, 1999:44) diz que Freud "... *enuncia uma idéia iminentemente justa: que o que temos chamado de sonho do assassinato está presente de maneira lancinante e mesmo não traduzindo em um ato real, se traduz através da culpa*". Essa culpa fez surgir a consciência moral, sua expressão é o surgimento do tabu e as cerimônias que possam expiar essa culpa coletiva e que tem por fundo a ambivalência dos sentimentos.

Vimos que existe uma violência estruturante no sujeito oriundas das frustrações e castrações impostas pela formação cultural, como Freud bem demonstrou em Totem e Tabu, com a metáfora do assassinato do pai da horda primeva. O próprio caminhar da civilização, foi recalçando esta violência, permanecendo até hoje nas pessoas, no seus resíduos simbólicos.

1.2. NO CAMINHO DA RELIGIÃO

Outra contribuição do pensamento de Freud, no estudo do Totem e Tabu, foram as concepções do universo. Segundo ele, estas passam por diferentes estágios: o animista, o religioso e o científico. No estágio animista o homem primitivo aceita a magia e o poder do seu pensamento, e tem como controlar a realização dos seus desejos, através de atos mágicos. No estágio religioso o homem desloca para os deuses o poder de controlar as forças da

natureza, porém, não deixa de continuar acreditando que os deuses servem aos seus desejos. Percebe a sua fragilidade e transfere, para eles, a busca de proteção, como a criança busca o pai.

Freud identifica a onipotência dos pensamentos com os atos mágicos que atuam no animismo, onde existe uma supervalorização dos processos mentais que pensam poder controlar e mudar a realidade, semelhante à neurose obsessiva. Isto permitiu a ele, a criação da sua teoria psicológica sobre o mundo e a natureza dos seres humanos. Torna-se o primeiro sistema de pensamento em que vemos, segundo Palmer (1997:38): *“...a passagem de uma realidade insatisfatória e ingovernável a um mundo de fantasia completamente mais agradável, em que a realidade parece menos estranha, uma vez que pode, em certa medida, ser controlada por atos de magia”*. No estágio da concepção científica, o homem percebe através dos acontecimentos, principalmente nos fenômenos da natureza, que existem situações em que ele não pode controlar nem consegue compreender. Afirma Freud, em **Totem e Tabu** (:470), que: *“Na concepção científica do mundo, já não há mais lugar para a onipotência do homem; reconheceu ele sua própria pequenez e resignou-se à morte como a todas as necessidades naturais”*.

No seu texto **“O futuro de uma ilusão”** (:71), Freud reitera sua descrença na religião quando diz da sua crença unicamente na ciência afirmando que: *“A nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar”* Freud parte da idéia de que Deus é uma criação do desejo do homem ao dar-se conta da sua impotência frente às situações que não têm controle; cria um grande Pai que tudo pode e que o domina, e do qual tem medo. Medo que é a projeção edípica do medo do seu próprio pai. Apesar da afirmação de Freud da sua convicção na ciência, e do seu ateísmo um dos mais queridos amigos de Sigmund Freud foi Oskar Pfister, teólogo e pastor protestante, com quem por trinta anos manteve uma correspondência e uma amizade fecunda para os dois.

Pfister foi explicitando para Freud, além da sua posição religiosa, o amor e a graça de Deus; denominava o amigo um “amado adversário”, ao que Freud respondia com seu bom humor, reafirmando sua posição de ateu.

No livro **Cartas**, (de Freud para Pfister) em um trecho datado de 9.2.1909, Freud escreve:

A psicanálise em si não é religiosa nem anti-religiosa, mas um instrumento apartidário do qual tanto o religioso como o laico poderão servir-se, desde que aconteça tão somente a serviço da libertação dos sofredores. Estou muito admirado de que eu mesmo não tenha me lembrado de quão grande auxílio o método psicanalítico pode fornecer à cura das almas, porém isto deve ter acontecido porque um mau herege como eu está distante dessa esfera de idéias.

O diálogo entre psicanálise e fé, torna-se possível quando se abre, simbolicamente, a mente e o coração, como símbolo do afeto. A mente para pensar e compreender a lógica oposta, no caso do psicanalista a **fé**; e no teólogo a **psicanálise** e um coração aberto para acolher amorosamente o outro interlocutor. Como fizeram Pfister e Freud, que apesar das suas diferenças mantiveram um diálogo aberto e sincero cujos frutos, após mais de cem anos deles ainda usufruímos.

A sinceridade e transparência de Freud na sua relação com o amigo Pfister está presente nas **Cartas** de 20.3.1921: “Realmente tem de ser possível, entre nós, que possamos nos dizer verdades, isto é, rudezas, e que assim permaneçamos de bem um com o outro, como neste caso.”

Nessa correspondência estão registrados, os questionamentos às respostas enviadas, sempre buscando valorizar a verdade e o afeto que os unia. Vemos isto na carta datada de 9.10.1918 :

Em termos terapêuticos, só posso invejá-lo quanto à possibilidade de sublimação em direção à religião. Mas a beleza da religião certamente não pertence à psicanálise. É natural e pode permanecer assim que, na terapia nossos caminhos se separem. Bem à parte, por que nenhum de todos estes devotos criou a psicanálise, por que foi necessário esperar por um judeu completamente ateu?

Com saudação cordial, seu velho

Freud

O Dr. Pfister responde de Zurique em 29.10.1918:

(...)

Por fim a pergunta: porque não foi um devoto, mas um judeu ateu que descobriu a psicanálise. Ora, porque devoção não significa gênio de descobridor, e porque os devotos em boa parte não foram dignos de produzir estes resultados. Aliás, o senhor primeiramente não é judeu, o que lamento muito na minha admiração desmedida de Amós, Isaías, Jeremias, do poeta Jó e de Eclesiastes: e em segundo lugar o senhor não é ateu, pois quem vive para a verdade vive em Deus, e quem luta pela libertação do amor, segundo 1 João 4. 16, permanece em Deus. Se o senhor se conscientizasse e experimentasse a sua inserção nos processos mais amplos. O que ao meu ver é tão necessário como a síntese das notas de uma sinfonia beethoveniana para formar a totalidade musical, eu gostaria de dizer também do senhor: 'jamais houve cristão melhor.'

Percebe-se que opiniões e pontos de vista diferentes não impedem o relacionamento profundo entre as pessoas, o desejo e a busca sincera da verdade, assim como a capacidade de aceitação do outro, abrem caminhos para o diálogo e o crescimento de todos. Mesmo para Freud, o contato e a profunda amizade de Pfister o desconcertava, e gerava uma ambivalência de sentimentos como mostra uma carta de Freud a Jung, que está na dissertação de mestrado de Wondracek, (:20) :

Caro amigo Jung: seu corajoso amigo Pfister me enviou um artigo que hei de agradecer com vagar. A atitude dele – um pastor protestante – é de fato louvável, embora para mim seja meio desconcertante ver a psicanálise arrolada na luta contra o pecado.

Continua Wondracek, (id) "... Freud reencontra na amizade com Pfister a fascinação que lhe desperta o filósofo Franz Brentano, que conciliava sua crença em Deus com o estudo de Darwin".

Tentando seguir esse exemplo, de que é possível um diálogo entre fé e psicanálise, continuarei a refletir; partindo da estruturação inconsciente do sujeito, através de um olhar profundo, com a construção do pensamento em forma de rede, aprendendo com os desencontros e enfatizando os encontros

das teorias, pretendo buscar caminhos que ajudem os sujeitos a redescobrir o amor, auxiliando na transformação da cultura intrínseca da violência, para uma cultura onde a transferência amorosa, possa ser o caminho para a implantação de uma nova cultura que ensine a amar.

1.3. NO CAMINHO DA FÉ

Freud no texto **Totem e Tabu** fala da fé (:465) ao dizer que “Então admitirão os homens que de nada serve invocar os espíritos se não se tem fé ¹ e que a força mágica da oração se torna ineficaz se não é ditada por uma piedade verdadeira”, inserindo no discurso psicanalítico o termo fé. Na nota de rodapé, ele cita Hamlet ...“palavras sem pensamentos nunca vão aos céus”. Conclui Freud, essa reflexão dando a entender que não é só o desejo que tem força, mas também o pensamento, criando um espaço que Lacan se apropriou ao afirmar que a “verdade fala”. Vassé (1994:109) completa esse pensamento dizendo que: “Ora a verdade só fala quando toma corpo uma vez que não temos outro significante da palavra além do corpo”.

Realmente a ciência garante a nossa razão: e como fica, então, o nosso afeto? Aquele que a transferência utiliza como ponte de encontro ao outro, ou melhor ao Outro, que nos faz sair do nosso lugar egóico respeitando o nosso semelhante, os seus desejos e dando-lhe espaço para construir a sua história. Baseado nas primeiras marcas o afeto é manifesto durante toda a nossa vida e de diferentes formas, incluindo a fé.

Nas pesquisas preliminares quando visitei as unidades da FEBEM, ao entrevistar os funcionários, o comentário que mais me chamou a atenção foi o do responsável pela segurança de uma das unidades:

Procuramos todos os dias, nas notícias dos jornais os nomes dos jovens que passaram por essa unidade, encontramos um grande número deles que, ou estão encaminhados ao Presídio Central, ou mortos. Os únicos jovens que não reincidem no crime são os que optam por uma religião, voltam a acreditar e ter fé. Esses saem e conseguem refazer as sua

vidas. (Este comentário se repetiu em todas as unidades pesquisadas.) Comecei a refletir porquê alguns jovens aceitam um discurso religioso e assumem o compromisso com uma religião, outros sentem dificuldades permanecendo nas transgressões sociais chegando a delinqüência. Ao aceitar o "desafio" de fazer uma pesquisa para articular diferentes campos teóricos, o primeiro passo a ser vencido foi recortar os assuntos dentro de sua especificidade e mapeá-los, para que fosse criado um espaço, onde, em forma de rede, os paradigmas pudessem embricar em um pano de fundo para que diferentes autores pudessem dialogar.

Sabemos que o discurso filosófico começa a se transformar com Descartes (1596-1649). Padovani (1961:237) explica que "... para Descartes duvidar equivale a pensar, o pensamento, a consciência será a intuição primeira, desvaloriza o mundo dos sentimentos, das emoções e paixões". O racionalismo e o iluminismo vão instaurando o predomínio do pensamento e da razão nos discursos vigentes na época, ficando a subjetividade dos seres humanos como não pertencente ao domínio do pensamento, da razão e da lógica cartesiana, sua existência ou fica relegada ao plano das emoções ou invalidada. Neste contexto, como falar da fé se esta não era valorizada dentro do discurso racionalista?

O verdadeiro sentido da fé foi se perdendo com o advento do paradigma cartesiano de prevalectimento da razão. Foi pensada como parte do conhecimento racional e lógico, invalidando o seu aspecto sobrenatural e místico, a fé colocada dentro de uma dimensão ao alcance da razão humana.

Comecei pensando em como falar de fé sem cair nos paradigmas vigentes antes da Revolução Francesa, quando a Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR) dominava o conhecimento da época. A história dessa Igreja mostra como era manipulado o conhecimento da "salvação" que constituía a base da sua crença religiosa. Inserida em uma cultura e vivenciando um momento tumultuado social e economicamente, baseados nas relações do poder absolutista na mão dos reis, a Igreja (ICAR) foi pouco a pouco sendo

¹ Grifo meu

tomada e dominada nas suas estruturas pela perda do sagrado (dessacralização), abrindo espaços para que a religião fosse invadida pelos conflitos políticos e econômicos onde clero e monarcas pretendiam o poder absoluto.

Freud ao perceber e pesquisar a existência do inconsciente, do qual o pensamento e a consciência (lógica) não conseguem se apropriar, abriu uma senda para que a subjetividade pudesse retornar ao mundo da ciência e iniciar um diálogo com outros campos do conhecimento científico.

Ao tratar de fé estarei falando de parte da subjetividade do sujeito, que poderá buscar uma re-ligação com um ser sobrenatural através de uma religião. Considero a fé como constituinte de um sujeito desejante, cuja busca religiosa é o uso da liberdade que tem o sujeito de relacionar-se com o seu objeto de desejo, Deus, (ou deuses), através da mística e ritos de diferentes religiões. A fé é a origem e o centro de toda a vida dos que crêem em Deus. É um termo complexo que no vocabulário hebraico mostra a “atitude espiritual do crente”. No Vocabulário Teológico Bíblico (:336-337) encontramos a definição de fé como oriundas de duas raízes dominantes: **aman** (cf. amém) que conota a solidez e a certeza e, **batah** a segurança e a confiança. Para reproduzir do hebraico, os gregos não dispoendo de palavras adequadas, corresponderam à raiz batah a: elpis, elpizo, pepoitha, na tradução da Vulgata ² ficou como: spes, sperare, confido; a raiz aman ; pistis, pisteuo, aletheia, ficando na Vulgata como : fides, credere, veritas.

O estudo do termo fé, na Bíblia tem duas conotações (id) :

A confiança que presta a uma pessoa “fiel” e engaja o homem todo inteiro; e doutro lado a um procedimento da inteligência à qual uma palavra ou sinais que possibilitam acesso a realidades que não vêm.

Durante séculos a humanidade tem buscado encontrar-se com a verdade. Esta busca se realizou, diz o Papa João Paulo II, na **Encíclica Fides et Ratio** (1998:05):

² Vulgata, na tradução latina da Bíblia feita no século IV, segundo os textos massoréticos, obra em parte de São Jeronimo, e que foi declarada de uso comum na Igreja Católica pelo Concílio de Trento. (Ferreira, 1986, 1792)

— no âmbito da auto consciência pessoal: quanto mais o homem conhece a sua realidade e o mundo, tanto mais conhece-se a si mesmo na sua unicidade, ao mesmo tempo que nele se torna cada vez mais premente a questão do sentido das coisas e da sua própria existência.

O ser humano tem buscado o sentido da vida desde os primórdios da sua existência. A história tem mostrado as problemáticas fundamentais que angustiam a existência humana. Quem sou? De onde venho? Para onde vou? Porque existe o mal? O que existirá depois desta vida? Essas questões estão presentes nos textos sagrados de Israel, nos Vedas e no Avestá, nos escritos de Confúncio e Lao-Tsé, na pregação de Tirtankara e de Buda, nos poemas de Homero, nas tragédias de Eurípedes e Sófocles e nos tratados de Platão e Aristóteles. Essas dúvidas surgem a partir da exigência de um **sentido** para a vida presente no coração do homem; as respostas para tais dúvidas é que darão uma orientação para a sua vida. A filosofia tem contribuído muito ao colocar o sentido da vida e propor, através das reflexões, dos que nos antecederam, caminhos fazendo jus a sua etimologia grega, filosofia — *amor a sabedoria*.(id:07)A autora Maria Rita Kehl (2002), escrevendo sobre a ética e a psicanálise, levanta a problemática contemporânea do sentido da vida. Afirma ela (:09) que: “... *atualmente o homem quer se despojar da ‘angústia de viver’ e também da responsabilidade de arcar com ela*” eliminando a inquietação, em vez de procurar dar sentido para a vida prefere negar essa angústia e “... *não percebe que é por isso mesmo que a vida lhe parece cada vez mais vazia, mais insignificante.*”

O sujeito conseguindo através da razão intuir e formular princípios primeiros e universais de ordem lógica e deológica, estará construindo uma razão reta. A crítica racionalista fundamentava suas teses, contrapondo a da reta razão, era muito difundida e insistia sobre a negação de qualquer conhecimento que não fosse resultado das capacidades naturais da razão. O Papa João Paulo II (:16) afirma que:”... *além do conhecimento da razão humana, por sua natureza, capaz de chegar ao Criador, existe um conhecimento que é peculiar da fé*”. Que acredito dar origem à reta razão.

Ao inspirado, o desejo de conhecer (a pulsão epistemofílica) ³ é uma característica acentuada. O Papa João Paulo II lembra que em Provérbios 20,5: “*Graças a inteligência, é dada a todos os fiéis e não fiéis a possibilidade de saciarem-se em águas profundas do conhecimento*”. No antigo povo de Israel o conhecimento do mundo, não era feito pela via da abstração, via utilizada pela filosofo jônico, o sábio egípcio. O bom israelita, não consegue conceber o conhecimento dentro dos parâmetros da época moderna (fragmentado e linear), concebe seus paradigmas com a “*certeza de que existe uma unidade profunda e indivisível entre o conhecimento e a fé* “. (id). O mundo, sua realidade e tudo o que nele acontece é observado, analisado e julgado “*com os olhos próprios da razão, mas sem deixar a fé alheia a esse processo*”. (id :28)

A fé não objetiva humilhar ou diminuir a autonomia da razão nem limitar a sua ação mas, fazer compreender o sujeito da atualidade, que nos acontecimentos se torna visível e atua o Deus de Israel.

Muda assim, pelo olhar da fé, o conhecimento do mundo e os fatos de toda a história de humanidade. A fé aperfeiçoa o modo de se ver o ser humano interiormente, e amplia sua mente na descoberta da presença dinâmica de Deus nos acontecimentos cotidianos.

O Papa João Paulo II (1998 :29), partindo do livro dos Provérbios 16,9 que diz “*A mente do homem planeja o seu caminho mas é o Senhor quem dirige os seus passos* ”, continua a refletir:

... que o homem pela luz da razão reconhece a sua estrada mas percorrê-la, de maneira decidida, sem obstáculos e até o fim, ele só consegue se de animo reto, integrar-se a sua pesquisa no horizonte da fé .

Nesta abordagem a fé e a razão são ontogênicas ao ser humano e não podem ser separadas, sob o perigo dele perder a chance de conhecer-se de maneira adequada a si mesmo, o mundo e a Deus.

³ Piera Aulagnier (1985:27) explica que a pulsão epistemofílica “ o desejo de saber, a sublimação: estes são um conjunto de termos que nos revelam o destino desta parte da energia pulsional que o Eu submete ao trabalho e a finalidade exigida pela atividade de pensar.”

O ser humano, ao buscar o sentido da vida, necessita viver a auto-transcendência da existência humana. Frankl (1989:29) afirma: *“Assim o homem se realiza, não se preocupando com o realizar-se, mas esquecendo a si mesmo e dando-se, descuidando-se de si e concentrando seus pensamentos para além de si”*. Na introdução de seu livro **A presença Ignorada de Deus**, Isar Xausa (1992:7) escreve:

Frankl vai às profundezas do espírito humano ultrapassando as fronteiras do psicofísico em direção à consciência, ao inconsciente espiritual e à existência humana - à pessoa profunda. E nesta profundidade encontra a manifestação da presença de Deus.

Nesta manifestação transcendental, oriunda das profundezas do espírito humano, Frankl (1992:47-48) no desenvolvimento do processo da análise existencial descobriu que:

... dentro da espiritualidade inconsciente do homem, algo como uma religiosidade inconsciente no sentido de um relacionamento inconsciente com Deus, de uma relação com o transcendente que, pelo visto é imanente ao homem, embora muitas vezes permaneça latente.
Assim, se inicialmente o eu se revelou como “também espiritual”, agora este inconsciente espiritual mostrou ser também “transcendente”.

Este inconsciente transcendente revela uma fé inconsciente do homem, transformada em “uma tendência inconsciente em direção a Deus”, continua o autor (id) afirmando: *“... que sempre tivemos uma ligação intencional, embora inconsciente, com Deus. E é justamente este Deus que denominamos de Deus inconsciente”*.

Viktor Frankl (id. 90) define que *“Deus é o parceiro de teus solilóquios mais íntimo cada vez que tu falas contigo mesmo com a máxima sinceridade e em absoluta solidão, aquele a quem tu te diriges pode ser legitimamente chamado Deus”*. Ele assume esta definição evitando *“uma dicotomia entre concepções ateísticas e teísticas”*, a pessoa religiosa atribui os seus solilóquios como diálogos, conversa com alguém real; a não religiosa diz que são *“ monólogos solitários ”*. Neste ponto quero lembrar o que diz Rassiá

(1997:48): “O Outro imaginário é aquele para quem se fala quando se fala sozinho”.

A escolha entre nomear Deus no inconsciente, ou falar consigo mesmo é falar com o seu inconsciente, faz parte de um processo que as pessoas em busca da verdade e de um sentido para a sua vida tem que realizar. Este processo de busca deve ser uma manifestação espontânea, uma decisão voluntária e sem pressões externas. Viktor Frankl (1985:55) propõe que:

A religiosidade verdadeira, para que seja existencial, deve ser dado tempo necessário para que possa brotar espontaneamente. Nunca podemos apressar a pessoa neste caminho. Podemos assim dizer: para a religiosidade verdadeira o homem não se deixa impelir pelo id, nem apressar pelo médico.

A fé teve e tem vários conceitos relacionados com o momento da história da civilização. Durante a Educação Clássica que era fundamentada no adestramento das "faculdades da alma", memória, entendimento e vontade, foi estendido também para a educação da fé. Na realidade brasileira, a fé, era um consentimento "racional" às verdades religiosas que as crianças tinham de decorar; elas eram adestradas para aceitar as verdades que estavam no catecismos Diálogos da fé, do Padre José de Anchieta, e Catecismo da Doutrina Católica em três volumes.(Droguett 2000)

O passar das gerações perpetuou a transmissão da fé de modo semelhante aos primórdios do descobrimento do Brasil, as crianças e os adolescentes não tinham a oportunidade de refletir sobre a fé, eram "obrigados" a aceitar como sua opção religiosa o que os seus pais e professores acreditavam. Explico usando as palavras de Droguett (2000: 42)

Conhecer bem o credo cristão e dominar perfeitamente o catecismo eram sinônimos do ser humano de fé. Daí a importância de fórmulas: precisas, categóricas, expressas em linguagem teológica - com freqüência ininteligíveis para as crianças - para que pudessem retê-las.

A vivência da "angústia existencial", os questionamentos sobre a vida, religião e fé, comuns na adolescência quando acompanhados por adultos que compreendam esses momentos e que dêem liberdade de expressão, é uma maneira de impedir que ao se tornarem adultos, esses adolescentes continuem a ter uma fé imposta e infantilizada.

Freud descobriu em seus estudos o valor da **afetividade**. Com base na importância dos afetos na vida humana, ele desenvolve a psicanálise aprofundando a abrangência desse fenômeno. A partir de então, as ciências que estudam o comportamento, o manifesto e o inconsciente, do ser humano e suas vicissitudes, começaram a buscar na subjetividade dos sujeitos caminhos que pudessem auxiliar a busca da felicidade que tantos procuram.

Apoiada em Minerbo, que aponta na formação da cultura norte americana comportamentos que se aproximam do "*padrão de comportamento exibidos por pacientes que apresentam estruturas narcísicas.*" Nestes pacientes assim como na cultura americana existe a sensação de "*vazio interior, fome insaciável de novas experiências emocionais, frieza nas relações afetivas*" (2000:71). A economia neoliberal se apropria desses sintomas para propor uma demanda consumista onde algumas pessoas não medem as conseqüências de seus atos, tornando-se violentas, para adquirir os objetos de marcas "*que constituem uma garantia essencial de sua identidade*" (id:10)

A inserção do desejo na ontogênese humana aumentou a abrangência dos fenômenos e estudos das ciências que pesquisam a psique humana. Para Droguett, (2000:45):

O mundo do desejo, da fantasia, do afeto, é de tal forma essencial ao psiquismo humano, que as outras faculdades vão dele receber sua energia: dele dependerá o funcionamento das três faculdades.

Para pensar a fé deve-se levar em conta a afetividade e o inconsciente dos sujeitos. Viktor Frankl ao falar da presença de Deus no inconsciente, mostra que a crença em Deus também é um processo

inconsciente. Para as ciências da religião o crente é aquele que acredita consciente e inconscientemente em Deus.

Frankl (1992) ao formular um Deus no inconsciente, não quer dizer que Deus “em si mesmo e por si mesmo” seja inconsciente; mas que Deus permanece inconsciente para nós e que nossa relação com ele pode ser inconsciente ou reprimida oculta para nós mesmo (id: 48) “*O fato de sempre termos tido uma relação inconsciente com Deus, não significa absolutamente que Deus esteja dentro de nós, que preencha nosso inconsciente.*” Há uma possibilidade de se interpretar esse Deus “*num sentido ocultista. Seria assumir um saber inconsciente de Deus, significaria estipular que o inconsciente é onisciente*”. Assim, para aquele que acredita em Deus, percebe pelo seu inconsciente que Deus é um ser fora do sujeito, e que Ele pode falar-lhe; para ter certeza que aquilo que foi intuído e teve acesso ao seu consciente é realmente Deus falando, deve buscar na Bíblia (para os da religião judaico-cristã) uma confirmação, ou seja Deus não pode contradizer-se nem dizer algo para um sujeito que vá contra o que foi dito e escrito na Bíblia.

O sujeito para ter uma fé madura deve ser “apresentado” à esse Deus através de alguém. Ter recebido por alguém uma palavra sobre quem é esse Deus, como fizeram no antigo testamento os profetas, e no novo Jesus Cristo que apresentou Deus como um Pai amoroso e cheio de misericórdia.

A fé, como uma adesão pessoal a Deus, está interrelacionada com o desejo do sujeito, desejo onde a teoria psicanalítica ancora. Droggett (:57) afirma:

Dentro da teoria psicanalítica, falar de desejo de Deus, faz-nos pensar em situá-lo no Outro, entre a carência, sustentáculo da castração simbólica e a culpa, produto de uma transgressão da lei. Devemos ainda supor um terceiro elemento: o desejo. Uma verdadeira conjugação dos mitos de Totem e Tabu e o de Édipo que, nos seus cruzamentos, dão lugar a um sujeito desejanste, nos meandros de sua história.

A adolescência é a época de tantas transformações, lutos, onde os afetos e desafetos aprofundam as marcas originárias e sedimentam dores

recalcadas. É também um momento especial do desabrochar da vida, de viver a sensualidade e sexualidade com respeito e dignidade. O momento em que a presença do adulto demarca o limite, e mostra que se pode sair fortalecido de um erro, quando encarado como construtivo. Para isso, é necessário resgatar as palavras perdão, tolerância e amor no sentido completo e profundo desse afeto. Para resgatar a paz é necessário ir contra a cultura de morte que a violência instaura. Será preciso que o sujeito busque constantemente resgatar o seu desejo: desejo de viver, desejo de amar e desejo de Deus.

O fenômeno da violência adolescente, deve ser encarado de frente, mas com olhar profundo, que abranja todas as dimensões que constituem o sujeito e uma escuta sensível para poder desvelar o que está no avesso do seu discurso, mesmo que este seja o silêncio.

1.4. ENCONTRANDO A ADOLESCÊNCIA

“Seus pais iam todos os anos a Jerusalém para a festa da Páscoa. Quando o menino completou doze anos, segundo o costume, subiram para a festa. Terminados os dias, eles voltaram, mas o menino Jesus ficou em Jerusalém, sem que seus pais o notassem. Pensando que ele estivesse na caravana, andaram o caminho de um dia, e puseram-se a procurá-lo entre os parentes e conhecidos não o encontrando, voltaram a Jerusalém a sua procura.”

(Lc 2,41-45)

O que acontece na Adolescência? Buscando no Dicionário da Língua Portuguesa uma explicação, encontramos em Ferreira (1986:48):

Adolescência (do latim *adolescitia*) 1. Período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade, e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos). 2. Psicol. Período que se estende da 3ª infância até a

idade adulta, marcadas por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de auto afirmação corresponde à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social .

É nesta etapa, que o ser humano começa a se desprender da infância e inserir-se nos grupos sociais. Knobel (1984) diz que a adolescência é o momento em que a criança deixa o mundo infantil, sua dependência dos pais e começa entrar no mundo adulto. Neste momento a criança precisa elaborar, segundo Aberastury (1984:10) alguns lutos fundamentais:

Luto pelo corpo infantil perdido;

Luto pelo papel e a identidade infantis, e aceitação de responsabilidade que desconhece;

Luto pelos pais da infância, que quer reter na sua personalidade;

As mudanças que ocorrem no período da puberdade e adolescência, induzem os adolescentes a um processo de conflito pela perda da sua identidade infantil, a construção consciente e a constituição inconsciente de uma nova identidade. Assim, podemos então entender que, a busca dessa nova identidade levará o adolescente a assumir comportamentos diferentes do que era sua conduta habitual. Talvez para os adultos, essas mudanças, possam gerar situações de confronto e violência, onde predominará, ou o autoritarismo ou a indiferença do adulto, agregando assim mais um elemento causador de angústia e sofrimento ao adolescente.

Neste momento conflituoso a postura (e o manejo) dos pais demonstram a dificuldade em acompanhar o processo de crescimento físico e psíquico do filho. Quanto maior a dificuldade desses pais em lidarem com essas situações, maior será a carga de emoção/afeto que acompanharão estas situações. Os pais durante a adolescência de seus filhos revivem a sua própria adolescência, emergem os momentos que foram dolorosos para eles e que ficaram recalcados.

Os grupos sociais pelos quais os adolescentes transitam, também resistem em aceitar este momento, não levam em conta o que Aberastury (1984) aponta: a necessidade de dar tempo para o adolescente fazer as pazes com

o seu corpo. A perda desse corpo infantil e as transformações sexuais que ocorrem neste corpo, exigem do adolescente um processo de ajuste. Nesse primeiro momento, ele considera a atitude do adulto como uma invasão que o leva a reagir na defensiva e refugiar-se no seu mundo interior para "... *religar-se com o seu passado e então enfrentar o futuro* " (id). Neste luto pelo seu corpo, surge, para o adolescente, a problemática da sua definição sexual; o surgimento dos caracteres secundários o confrontam com a realidade de uma definição sexual para o papel que terá de assumir com o(a) parceiro(a), isso exige o abandono da fantasia do sexo duplo.

Aprofundando a sua reflexão, Aberastury (id :25) afirma que:

...junto a essa renúncia, está o incesto, que revive uma frustração inicial ligada à iniciação do complexo de Édipo. Com a maturidade sexual o ser humano possuiu o instrumento capaz de efetuar a união incestuosa e de satisfazer a antiga fantasia de ter um filho com o progenitor do sexo oposto. Esta é agora uma fantasia realizável.

Os pais dos adolescentes vivem os lutos junto com os seus filhos, se confrontam com a necessidade de se desprender desse filho que está deixando o mundo infantil, portanto, que está crescendo e necessitando ter autonomia para tomar as suas próprias decisões, que nem sempre serão as mesmas que os pais gostariam que fossem.

Ao perceber o crescimento físico e as transformações biológicas, esses pais revivem muitos conflitos de sua própria história. Se dão conta da sua própria transformação psíquica, biológica e o lento caminhar de seu corpo rumo à velhice, e como possibilitar ao adolescente assumir a sua sexualidade e sensualidade. Os pais podem se questionar sobre o que fazer das suas vidas agora que seus filhos estão crescendo, podendo assumir também um novo modo de viver reorganizando suas vidas e seus projetos.

As gerações que devem conduzir este processo de "adolescência" estão com dificuldades para respeitar e aguardar o tempo necessário a efetivação do processo. As relações decorrentes da inserção dos adolescentes "no mundo dos adultos" revelam também um momento dinâmico e turbulento pelo qual estão passando ao tentar resolver seus conflitos interiores. Adaptar-se a essa nova realidade social para qual pensavam não ter

compromissos e responsabilidades, propõe questionamentos sobre valores e ética. A incoerência do discurso e da prática dos adultos, confunde-os. Aberastury (1990:19) alertava que *"a violência dos estudantes não é mais do que a resposta à violência institucionalizada da ordem familiar e social"*.

Outro fator que gera violência é a dificuldade dos adultos em lidar com a hostilidade manifesta pelo adolescente através de atitudes desafiadoras, respostas agressivas e questionamentos interpretados pelos adultos como sem fundamento. Essa hostilidade é a consequência no adolescente do medo de não ser aceito e compreendido, a sua resistência em enfrentar a realidade. Qualquer conflito desencadeia sentimentos de raiva ou ciúmes "gera uma crise". Acredito, que por isso o adolescente está constantemente em crise. Na realidade a tomada de decisão, que obriga o adolescente a posicionar-se frente a uma situação, implica na mobilização das estruturas psíquicas que possam sustentar o seu desejo.

A criança que, antes para olhar o adulto, tinha que olhar para cima, agora, não mais criança, vai ter que olhá-lo de frente, e isto vai exigir uma reconstituição da imagem do seu corpo; corpo que a puberdade não só modificou, mas alterou em valor e estatuto. Continua Rassial (1997:48) que para a criança tornar-se grande, *"... desencadeia uma psicose quando é impossível dar ao Outro uma outra consistência imaginária que não a que tinha funcionado durante a infância"*.

O adolescente constitui o eu, não como algo originário, mas como sucessor das encarnações imaginárias do Outro. Aparecem aqui as semelhanças com o genitor do mesmo sexo, ao qual o adolescente se iguala e constata que fazem parte de uma cadeia de outros; também seus "eus" foram constituídos a partir de muitos outros, fazendo parte de uma linha transgeracional.

1.5. A ADOLESCÊNCIA: TRANSGRESSORA / DELINQUENTE

A violência contra as crianças e adolescentes, vivida em nosso país, está se tornando um fato corriqueiro, se apresenta na forma de agressões físicas, verbais e permeando as inter-relações dos adultos que compõem o seu universo. As agressões desses adultos contra as crianças e os adolescentes é do conhecimento dos educadores que lidam com isto no dia a dia, sentindo-se impotentes para auxiliá-los.

A adolescência teve seus estudos iniciados, em psicanálise, segundo Anna Freud (1995 :63), com o texto publicado, por seu pai, em 1905, **Três ensaios sobre a sexualidade**. A partir deste texto, a adolescência tomou um novo caminho, pois até então era considerada como início da vida sexual do indivíduo; este estudo sobre a sexualidade, demonstra que já existe uma vida sexual nas crianças.

A adolescência mostrou-se como o tempo em que a sexualidade infantil começa a finalizar e onde há primazia da zona genital. Surge a busca de novos objetos sexuais fora da família, diferenciados para meninos e meninas.

Anna Freud (id :65) nas questões da adolescência, ao estudar sobre os conflitos do eu diz que:

... minha preocupação com as lutas do ego para dominar as tensões surgidas dos derivados pulsionais, batalhas que levam, no caso normal, para a formação do caráter, e em sua saída patológica, para a formação dos sintomas neuróticos.

Essa batalha entre o “eu” e o “isso” que tem um primeiro término no período da latência quando se resolve o conflito edípico, é reativada (esta batalha) na puberdade, tempo perturbado pelas mudanças quantitativas e qualitativas dos conflitos pulsionais. Neste conflito pulsional, o eu formado na infância utiliza-se de todos os recursos e força-os ao máximo para manter sua sobrevivência.

Destaca Anna Freud que as mudanças na personalidade variam. Normalmente a organização do eu e do super-eu se altera suficientemente para acomodar as novas formas maduras da sexualidade. Em instâncias

menos favoráveis, um eu rígido e imaturo obtém sucesso em inibir ou distorcer a maturação sexual. Em alguns casos os impulsos do “isso” criam confusão e caos naquilo que foi um eu ordenado e socialmente dirigido, durante o período de latência.

Na adolescência há um processo de transformação onde fica difícil traçar uma linha divisória entre o normal e o patológico. Anna Freud (:74) diz que:

As manifestações do adolescente são próximas à formação do sintoma de ordem neurótica, psicótica ou anti-social, e se fundem quase imperceptivelmente, nos estados borderline, em formas iniciais frustradas ou plenas de quase todas as doenças mentais.

Para Rissial (1999:187) o conceito de adolescência, do ponto de vista psicanalítico é um tempo:

... de afecção imaginária do Eu, sob o efeito desse golpe do real que seria a puberdade, se se pode isolar um momento lógico de efetuação de uma operação simbólica, com um peso tal que a estrutura subjetiva além da imagem egóica, seja posta em causa por seu efeito, ou por sua ausência ou ainda por sua suspensão.

Para Lacan, segundo Chemama (1995:120) o Eu é constituído a

... “imagem do semelhante” e primeiramente da imagem que me é devolvida pelo espelho — este sou eu. O investimento libidinal desta forma primordial ‘boa’, porque supre a carência de meu ser, será a matriz de futuras identificações.

Para Rissial (1999) a adolescência possui “...*sua própria lógica nos processos de identificação*”, é um tempo de reflexão a partir de questionamentos importantes e a construção de modelos de vida adulta. O sujeito adolescente “...*se apropria de uma nova imagem do corpo transformada.*”

A adolescência, segundo Anna Freud (1995), é um período de turbulência, devido às batalhas entre o isso e o eu para tentar restabelecer a paz e a harmonia interior. Nesta época há uma interrupção no “**crescimento**

pacífico” e que a sustentação de um equilíbrio constante durante o processo da adolescência **é anormal**.

As responsabilidades que o grupo social demanda ao adolescente, a necessidade de assumir um outro papel, talvez novo, imposto pelo grupo, exige como diz Melman (1995): “...*uma necessidade introduzida no funcionamento psíquico pelas modificações do estatuto social.*” Nesta etapa da vida a energia pulsional é deslocada na procura de novos objetos que possibilitem o gozo. Quando o adolescente efetua essa passagem, simbolicamente, suas atitudes sociais o tornam aceito e sua inserção no grupo social se efetiva. Ele procura no amor mais que um objeto, um estado, busca viver o amor da Mãe primordial, pré-edípica que segundo Rassistal (1997:177) “... *um amor anterior, lógica e cronologicamente, ao estágio do espelho quando o eu se constitui sobre o vestígio da imagem de um objeto da Mãe, separável, mas ainda não separado.*” Essa constituição egóica precisa ser rompida para que haja uma nova inscrição: a da lógica do amor.

A efetivação dessa lógica amorosa fundamenta a estruturação psíquica do sujeito, após a elaboração do complexo edípico, onde está teorizada as diferentes estruturas que o podem constituir como sujeito psicótico, neurótico ou perverso.

Freud percebeu e escreveu o que Chemama, (1995:55) comenta:

Encontrei em mim e em todo lugar— escreveu ele a W. Fliess, em 1897)— sentimentos de amor por minha mãe e de ciúme por meu pai, sentimentos que são, acredito, comuns a todas as crianças pequenas. Mais tarde (em 1925) irá escrever que: Isso é tão fácil de estabelecer que seria necessário um esforço para não reconhecê-lo. De fato todo indivíduo conheceu essa fase, mas a recalçou.

Partindo do complexo de Édipo, Jacques Lacan criou o conceito “Nome-do-Pai,” que designou como um significante primordial da função paterna.

Adotou o conceito freudiano do complexo de Édipo como Roudinesco (1998:542) relata:

Lacan mostrou que o Édipo freudiano podia ser pensado como uma passagem da natureza para a cultura. Segundo esta perspectiva, o pai exerce uma função essencialmente

simbólica: ele nomeia, dá o seu nome, e, através desse ato, encarna a lei. Por conseguinte, se a sociedade humana, como sublinha Lacan, é dominada pelo primado da linguagem, isso quer dizer que a função paterna não é outra coisa senão o exercício de uma nomeação que permite à criança adquirir a sua identidade.

A operação do Nome-do-Pai deixa sua marca significativa no inconsciente, dando ao sujeito suporte para estabelecer os limites com os seus semelhantes. Quando o adolescente transgredir as normas sociais e infringir a lei, a sociedade resgata esta tentativa de escapada e segundo Rassial (1997:185) “... o Nome-do-Pai fará valer o seu laço, a sociedade civil assume o lugar da função paterna fazendo valer esse significante.”

O ser humano necessita desde o seu nascimento ser aceito afetivamente, encontrar nos olhares dos adultos a confiança e a crença no seu potencial. Na infância, necessita que haja um diálogo não só de palavras mas também de gestos que imponham limites claros, que se sinta valorizado e capaz de buscar os seus próprios caminhos. O adolescente tem a necessidade de receber o olhar dos adultos, um olhar que inspire confiança, que o faça sentir respeitado, e que lhe transmita afeto. Há demanda de um permanente diálogo, e que esse seja iniciado desde o seu nascimento, que ele possa encontrar pessoas adultas disponíveis para escutarem suas angústias e temores, até mesmo a dor escondida no seu silêncio, que o ajudem a resgatar sua identidade, construir sua autonomia, buscar suas ideologias, vocação e amor.

No ano de 1990 no Brasil foi promulgado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), oriundo do Artigo 227 da Constituição Brasileira de 1988 que diz :

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, a profissionalização, à cultura, à dignidade, à liberdade e a convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, crueldade e opressão.

Este estatuto objetiva uma reformulação nas medidas judiciais em relação à criança e ao adolescente; no seu artigo 01 esta lei dispõe sobre a proteção integral da criança e do adolescente em situação irregular e de risco. Antes de entrar em vigor o ECA, as crianças e os adolescentes que viviam sob a responsabilidade da FEBEM (Fundação Estadual do Bem Estar do Menor), estavam reunidos em um mesmo local, os que foram abandonados pelas famílias, e os que estavam cumprindo “pena”. O novo Estatuto, separou as crianças e os adolescentes internos dos adolescentes em conflito com a lei, propondo estruturas específicas de atendimento para cada programa: para as crianças e adolescentes abrigados e para adolescentes autores de atos infracionais.

No Dicionário da Língua Portuguesa (Ferreira, 1986: 532) diz que: *Delinqüência vem do latim delinqüente. Que ou quem delinqüiu. Delinqüir, (o latim delinquere) cometer falta, crime, delito.* Assim foi substituído o termo “delinqüente” por “autor de ato infracional” para os adolescentes que transgridem regras sociais e as leis. Segundo a antropóloga Patrice Schuch (s/d):

A construção do fenômeno do adolescente como autor de ato infracional, como vimos, trata-se de um processo recente na história das políticas de atendimento à infância e à juventude. O ECA representou legal, social e politicamente o aparecimento desse novo autor social.

A substituição dos termos delinqüência para atos infracionais pelo ECA (1990) contém uma mudança de postura em relação aos adolescentes que cometem delitos, que antes eram “condenados a cumprir” penas em instituições fechadas semelhantes às prisões. Pelo novo estatuto, esses infratores passam a cumprir medidas sócio-educativas, respaldados pela necessidade legal de proteção e garantia dos direitos das crianças e dos adolescentes, que o Código Civil exige. Assis (1999:19-20) diz que:

Essa nova conceituação respalda-se, sobretudo, na necessidade de proteção e garantia dos direitos da criança e do adolescente, considerando-os, pela primeira vez, sujeitos de pleno direito e de dever na legislação brasileira. Permite compreender a infração como um fenômeno transitório na vida de um jovem, ao passo que a noção de delinqüência adjetiva e estigmatiza o indivíduo.

Há algumas décadas, a delinqüência era concebida apenas como resultado de fatores sociais, explicados pela baixa renda e pela desorganização familiar, por isso sua principal característica era ser associada às camadas populares, ditas classe pobre. Hoje, vemos que os autores de atos infracionais procedem também das classes sociais de maior poder aquisitivo e que têm acesso a uma educação diferenciada, em escolas particulares. As pesquisas, apontam que a origem das transgressões e da violência em crianças e adolescentes está na dificuldade da vinculação às instituições como a família, escola e igreja, que tem por finalidade formar, cidadãos com autonomia e consciência crítica e integrá-los adequadamente no grupo social. O adolescente se organiza para entrar nesse mundo novo, sem a fraqueza das gerações que o antecederam, buscando em uma relação especular a sua identidade com um pai ideal. Não conseguindo realizar esse desejo, encontra em grupos, espaço para exercitar o convívio social, daí o surgimento de bandos, gangues ou facções, onde se pode cultivar através de características comuns, como linguagem, roupas ou condições físicas, uma relação interpessoal entre eles, baseado no sentimento fraterno e de igualdade perfeita entre eles, por exemplo ao usar do termo “brother”.

Podemos considerar que nesta fantasia está implicada uma operação de forclusão do Nome-do-Pai, de livrar-se do significante cuja incidência simbólica valoriza a castração. Melman (1995:13) comenta que:

o grupo constitui-se em uma relação imaginária com o pai ideal, em uma relação em espelho. Assim no espelho recíproco, constituído pela comunidade dos olhares, é instaurada a imagem de um pai ideal, em relação ao qual cada um seria perfeitamente idêntico.

Nos grupos assim constituído, de sujeitos idênticos estaria excluída a alteridade, o que estiver fora do grupo, ou não convier ao bando; torna-se diferente e estranho, considerado como inimigo. O bando dos adolescentes infratores busca se organizar em torno da defesa de um inimigo comum que

são, por eles, categorizado como, por exemplo, os adultos, a burguesia, a polícia, outros grupos ou bandos.



Em uma noite escura,
De amor em vivas ânsias inflamada,
Oh! ditosa ventura!
Saí sem ser notada,
Já minha casa estando sossegada.

Em uma noite ditosa,
E num segredo em que ninguém me via,
Nem eu olhava coisa,
Sem outra luz nem guia
Além da que no coração ardia.

Essa luz me guiava,
Com mais clareza que a do meio dia
Aonde me esperava
Quem eu bem conhecia,
Em sítio onde ninguém aparecia.

Oh! noite que me guiaste,
Oh! noite mais amável que a alvorada!
Oh! noite que juntaste
Amado com Amada,
Amada no Amado transformada.

São João da Cruz

2. O ENCONTRO

Deus deu aos homens um coração para pensar, encheu-os de conhecimento e inteligência e mostrou-lhes o bem e o mal, pôs sua luz em seus corações (Eclesiástico 17, 6b-8)

A origem desta pesquisa veio de uma experiência que tive ao atender um aluno no Laboratório de Aprendizagem (LA),⁴ um adolescente de 15 anos, que cursava a 5^a, em uma escola pública. Este aluno foi denunciado pela diretora da escola à Promotoria de Infância e Juventude, por agressões aos colegas da escola.

Trabalhando esse aluno com exercícios que envolviam o raciocínio lógico, jogos e conversando com ele em diferentes momentos da rotina escolar, percebi que seu comportamento não era muito diferente dos outros estudantes da escola. Realmente o que ele apresentava, em situações de sala de aula, com os professores, era um comportamento contestador e com atitudes desafiadoras, que tumultuavam as aulas.

Uma professora, porém, não tinha dificuldades com ele em suas aulas, era a professora de português que conseguia fazer J. trabalhar e produzir alguma coisa. O desenrolar desse caso, me fez refletir e buscar estudar o por que os alunos, principalmente os adolescentes, transgridem as normas e regras que a sociedade impõe, chegando a delinquência e, em alguns casos, à privação de liberdade.

⁴ Na proposta da construção de uma Escola Cidadã, o Laboratório de Aprendizagem é um espaço onde se busca investigar o não aprender dos alunos. Como era uma atividade nova, nesse processo de implantação do LA, foram enviados todos os alunos que apresentavam baixo rendimento cognitivo para uma avaliação da continuidade ou não, no laboratório ou para encaminhamentos especializados.

2.1. ESCUTANDO O ADOLESCENTE

Escolhi uma unidade da FASE, Fundação de Atendimento Sócio Educativo (antiga FEBEM), para buscar, na pesquisa acadêmica, conhecer os acontecimentos na história desses jovens, o que os levou à privação de liberdade. Seguindo as orientações dadas pelo advogado dessa unidade, por motivos legais, não se pode fornecer maiores informações que levem a identificar a unidade e expor os adolescentes a um possível reconhecimento. Fica somente a referência de ser uma das unidades da FASE de Porto Alegre.

As entrevistas, constituídas de dezessete perguntas, agrupadas em quatro temas: família, escola, delitos e fé, subdivididas em itens, foram realizadas no início de 2003 com doze adolescentes masculinos, privados de liberdade, cujas idades variam de 14 a 19 anos, selecionados pelos monitores da unidade.

No tema família foi pesquisado:

— Lembranças da família;

Relação entre os pais;

Relação com a mãe e suas marcas;

Relação com o pai e suas marcas.

No tema escola:

— Lembranças da escola;

— Escolaridade.

Em delitos:

— Causas da internação;

— Número de homicídios.

Na questão da fé:

— Religião;

— Deus;

— Fé e sentido de vida.

O projeto, a princípio, na metodologia previa que fossem realizadas oficinas com os adolescentes, porém, ao ingressar na unidade, fiquei um ano tentando buscar condições para realizar essas oficinas e acompanhamento dos adolescentes, o que não foi possível devido à estrutura e o clima institucional. Outro obstáculo que encontrei foi a resistência dos adolescentes em permitir um contato com a família,

principalmente com a mãe. Eles ficavam de dar uma resposta para agendar o encontro mas, sempre arranjavam uma desculpa para não fazê-lo. Devido o pouco tempo que restou, optei por entrevistas estruturadas e, partindo delas desvelar, no avesso do seu discurso, as questões da pesquisa. As perguntas foram feitas buscando identificar marcas através das lembranças que ficaram dos pais, da escola; sobre o que pensam da fé, de Deus, da religião e seus planos para o futuro. Assim tentarei identificar pontos em comum que levaram esses adolescentes a cometerem atos infracionais.

2.2. FALANDO DA FAMÍLIA

A família humana surge como um grupo natural de pessoas (Lacan 1987) que tem um desenvolvimento singular nas suas relações por possuir capacidades excepcionais de comunicação mental, e uma economia libidinal que impulsiona a construção e constituição da cultura. Através das linguagens a família introduz a dimensão da realidade e constrói a vida psíquica dos seus elementos. Pode-se observar e identificar as primeiras fases da função materna que, pelo processo da maternagem darão as características peculiares da família e alguns traços do comportamento ao sujeito e onde a função paterna marcará a compreensão de que as instâncias culturais dominam as naturais.

Jacques Lacan (1987) afirma que a família é dentre os grupos humanos, a que desempenha um “papel primordial” na transmissão da cultura (id:16-17) “...a família prevalece, na primeira educação, na repressão dos instintos, na aquisição da linguagem justamente chamada materna.” Cabe a ela a responsabilidade de constituir uma vida psíquica, a mais sadia possível, e a partir dela a organização dos afetos. Continua Lacan (:17) sobre a família: “...ela transmite estruturas de comportamento e de representação cujo jogo ultrapassa os limites da consciência...” estabelecendo entre as gerações (id) “... uma continuidade psíquica cuja causalidade é de ordem mental”.

A metáfora do Nome-do-Pai, é um termo usado por Lacan, para designar o significante da função paterna e tem seu início no complexo de Édipo, possibilitando a criança advir como sujeito, permitindo a sua entrada no simbólico e a prática da língua materna. A metáfora do Nome-do-Pai é sustentada, segundo Dör, (1989:100) pelo “...*recalque originário, isto é, pelo advento do inconsciente, o que faz, conseqüentemente, com que o inconsciente como tal esteja, ele próprio, igualmente submetido à ordem significante*”.

Nas entrevistas, percebi a dificuldade que esses adolescentes têm de falar; as respostas muitas vezes eram desencontradas, foi necessário repetir várias vezes e de diferentes maneiras a mesma pergunta, para que eles pudessem compreendê-las, o que pode ser verificado nas falas selecionadas (anexo A).

No tema família, nas relações entre o pai e mãe, as brigas estão presentes na maioria dos casos (figura 1). As brigas tiveram por motivo o uso de substâncias químicas como o álcool, as drogas e delitos cometidos pelos pais, que geraram muita dor e sofrimento.

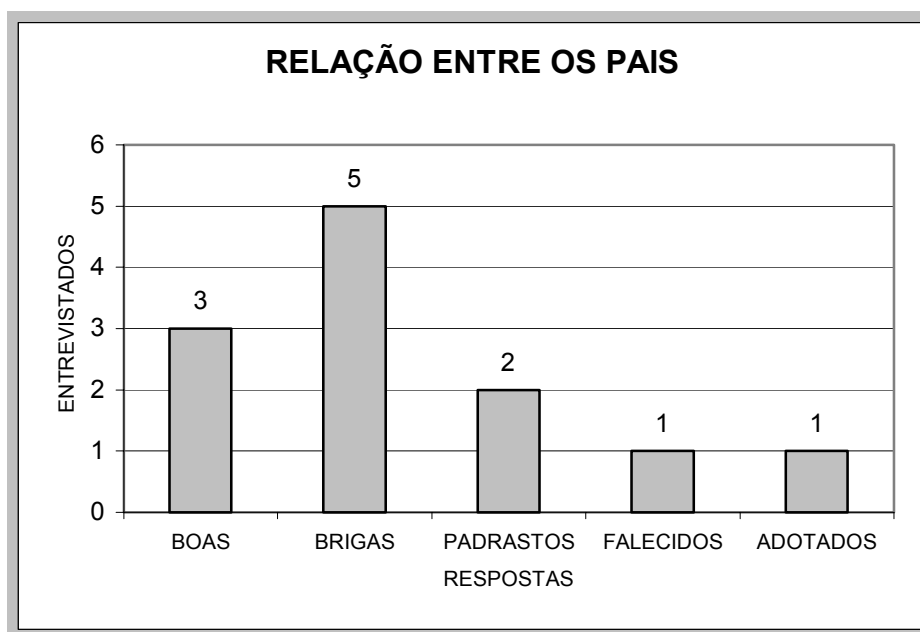


Figura 1

Os jovens apresentaram, nas entrevistas, suas dores ao dizerem :

A mãe fazia tumulto, me xingava, botava de castigo, dava em mim.

A mãe era alcoólica, bebia desde os 14 anos. Não gostava de viver com ela, por causa que os meus padrastos batiam muita nela, eu ajudava a defender ela e apanhava junto, fui embora aos **seis anos** de idade.

A que ponto chegou o sofrimento dessa criança de 6 anos, que preferiu morar na rua a viver neste ambiente. Vemos nas relações entre esses pais que eles não proporcionaram um ambiente onde o filho pudesse sentir-se acolhido, ter uma boa e sadia formação; essa criança preferiu correr o risco de viver na rua a “agüentar” esses pais. Sabemos que a dor pode ser um elemento importante para o crescimento interior do sujeito, quando acompanhado de marcas amorosas, de aceitação e carinho, o que não foi possível no tipo de ambiente relatado pelos entrevistados.

A relação com a mãe pode ser refletida para além das falas, com as lembranças que eles tem dessa relação. Nas entrevistas (figura 2) vimos que os adolescentes consideram “boa,” a relação com suas mães, como afirmaram: Minha mãe sempre me deu apoio.

- Bem legal, bah! A mãe é tudo prá gente.
- Ah, Era tri bom, era tri bom mesmo!
- Minha mãe foi legal comigo, não me tratou mal.

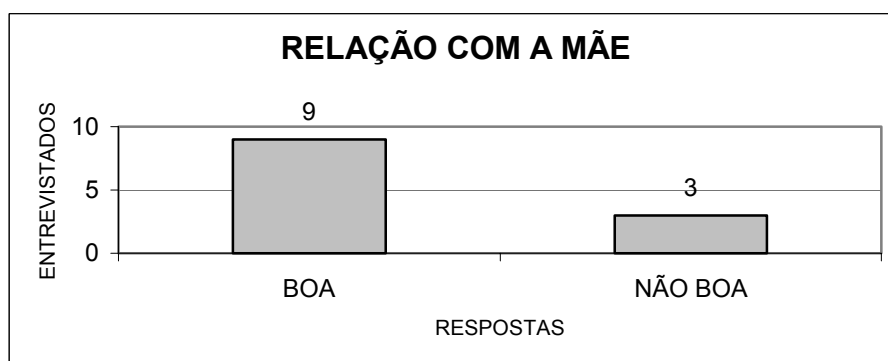


Figura 2

Durante as entrevistas ao ouvir a pergunta sobre o que se lembravam das relações com sua mãe, os adolescentes diziam não lembrar de nenhuma situação que deixasse uma marca com uma boa lembrança. A única lembrança de um dos adolescentes foi de uma situação (desagradável) onde sua mãe discutiu com o pai que estava alcoolizado, e a briga terminou com sua casa incendiada, e outro dizia que a mãe — *Fazia tumulto, me xingava, botava de castigo, dava em mim*. Percebe-se que a ausência de marcas ou lembranças de situações vividas com a mãe gera uma hipótese de forte recalçamento e uma controvérsia: Como considerar “boa” uma relação com a mãe que “não deixou marcas” através das lembranças? ou seja, tudo ficou recalçado?

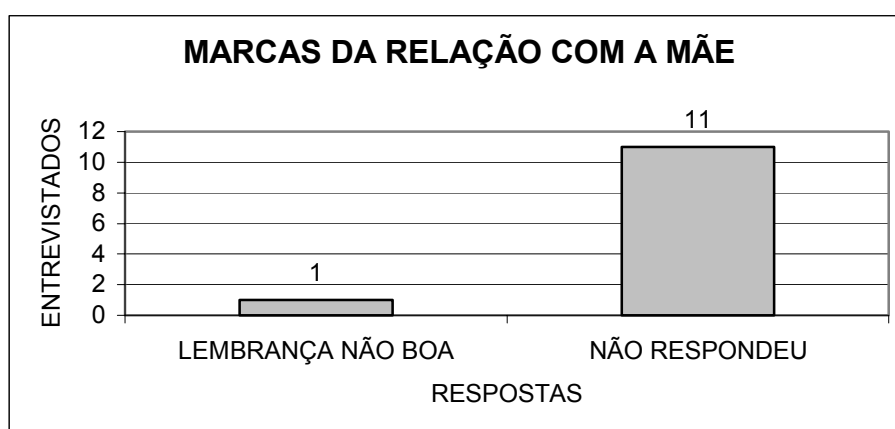
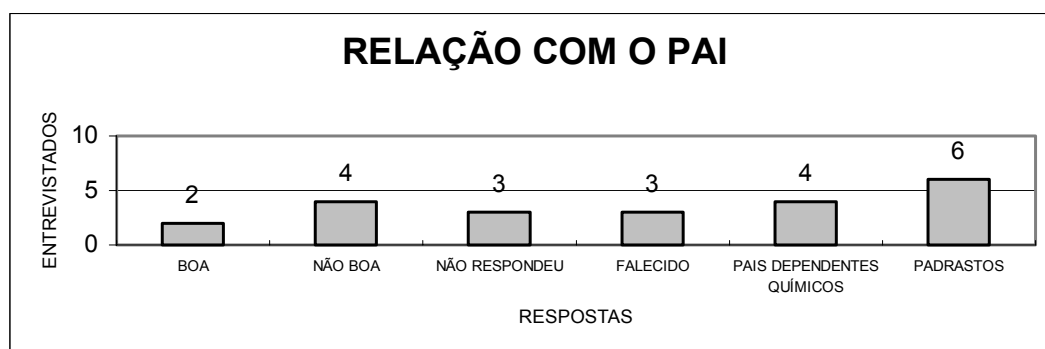


Figura 3

Winnicott (1983) diz que a capacidade de ficar só, é um dos sinais mais importantes do amadurecimento emocional, e que a marca que mais contribui para isso é a experiência “...é de ficar só como lactante ou criança pequena na presença da mãe.” (id:32). Apesar de que este “ficar só” existe teoricamente, pois sempre está presente alguém que é, no final das contas, equivalente ao inconsciente da mãe, ou alguém que exerce a função materna e que está voltada para a sua criança e orientada para as suas necessidades infantis, através da sua identificação com a própria criança. como afirma Winnicott (id:37) “E que estava temporariamente identificada com o seu lactente e na ocasião não estava interessada em mais nada que não fosse o seu cuidado.”

No item “relação com o pai,” surgem incoerências nas falas, como vemos na figura 4, pai e padrastos são confundidos durante as entrevistas, uma vez que a maioria deles conviveram com vários e diferentes companheiros de suas mães, supostos como padrastos, ou ocupantes do lugar do pai. As relações com o pai, segundo o mapeamento das entrevistas, demonstra que eles **não** se davam bem. Três deles consideram a relação boa, um deles disse que: — “Com o meu pai sempre tive uma relação tranqüila, mas, às vezes, a gente se batia de frente, era tenebroso, não chegava ao espancamento, mas o chinelo e a cinta comia.” Fiquei na dúvida, com esse “era tenebroso”, e ao retornar a pergunta ele repetiu que não chegava ao espancamento.... Estranho “a cinta comer “ e não chegar ao espancamento.

Figura 4



Outros dois depoimentos chamaram minha atenção sobre o que os adolescentes “lembram” de seu pai foram: — *Ah! era tri boa, sempre me dei tri bem com ele. Nunca briguemo eu com o meu pai.* O que faz pensar neste nunca, será que ele não está idealizando esse pai para encobrir algum trauma? Sabemos que o uso da palavra nunca tem no seu avesso a possibilidade de esconder alguma coisa. Pena que não deu tempo para aprofundar esta questão.

Outra fala chamou minha atenção: — “... *me dou tri bem com ele.*” No decorrer da entrevista, o adolescente contou que o pai, quando ele tinha nove anos, o iniciou na droga, dando lhe crack para fumar e, partir daí, fornecia a droga para ele. Concluí que realmente esse pai foi “muito bom” para o guri pois, não exercendo sua função paterna, não só não limitou o seu gozo, como também o ajudou a prolongá-lo no uso da droga. As outras repostas mostram que as relações dos adolescentes com o pai, eram muito tumultuadas.

— Batia em mim, no meu irmão, na minha irmã...

— Quando minha mãe ia trabalhar, aí ele ia receber, quando ele voltava, ele ia no campo da Tuca, e começava fumar pedra e eu ficava só olhando, eu e meu irmão ia junto, ele é tri.

— Com meu pai não era bom, não falava muito com ele, chegava bêbado em casa ih..., só queria brigar com nós.

— Meu pai pegou cinco anos de central, três fechado ... mais três em semi aberto, se enforcou em casa.

O uso de álcool ou drogas, gerou agressões físicas e separações. As mães se ligaram a outros companheiros que se tornaram padrastos (termo usado por todos eles para designar o companheiro ou companheiros das mães). A relação com os padrastos é boa e pela fala, esses padrastos sempre “chega numa boa para conversar”, dando conselhos como um irmão mais velho, do que como uma autoridade paterna.

— Agora é legal...

— Ah! Era tri boa, sempre me dei tri bem com ele, nunca briguemo, eu com o meu pai.

Coisas boas e más acontecem na infância que estão fora do controle da criança, ela está em processo de formação e a mãe auxilia, contribui e marca a formação do seu eu. O cuidado materno é que possibilita ao lactente viver e desenvolver-se no ambiente familiar. Nestes estágios iniciais, os acontecimentos, principalmente os mais traumáticos, ficam sob o domínio do mecanismo da repressão e podem ser manifestos a qualquer momento. Nesta perspectiva, Roudinesco (1998:784) explica que Winnicott define “a good enough mother” (a mãe suficientemente boa), como a mãe que está , atenta a todas as formas de diálogos e de brincadeiras com o filho “... é capaz de inspirar à criança uma frustração necessária a fim de desenvolver seu desejo e sua capacidade de individuação, proporcionando espaço para que o pai possa exercer sua função.”

Os dados acima nos mostram que com estas histórias de vida, sofrida, estes adolescentes não conseguem lembrar de boas situações da sua infância, como nos mostra a figura 5.

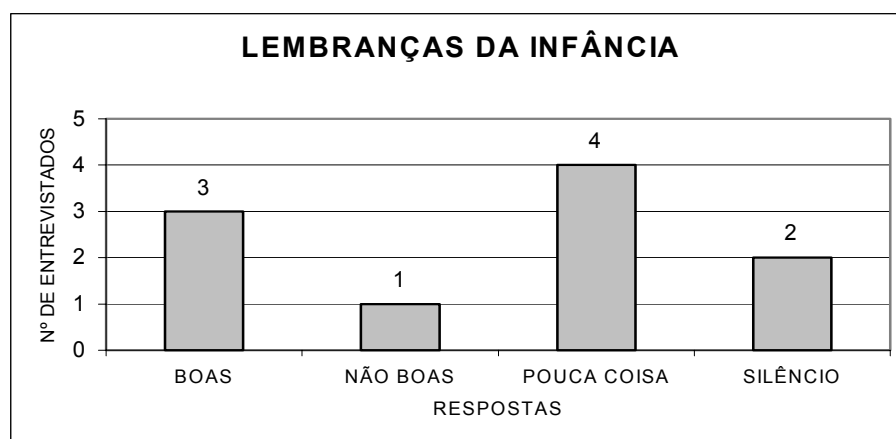


Figura 5

2.3. LEMBRANDO DA ESCOLA

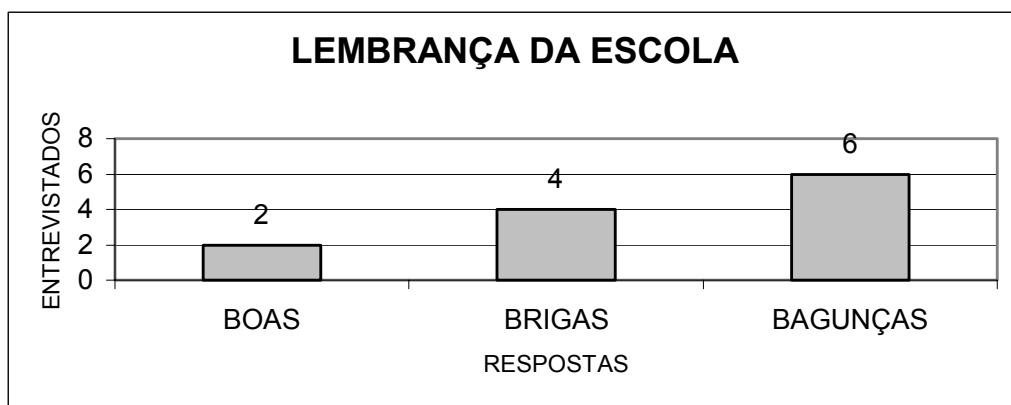
A criança a partir de sete anos, é obrigada a freqüentar uma escola, mas esta tem encontrado muita dificuldade em assumir adequadamente o seu “papel” de impôr normas, valores e transmitir os conteúdos aos seus alunos. Essa função tem suscitado muitos questionamentos, principalmente quanto a maneira como isto está sendo feito. Nas escolas públicas por onde passei, foram muito poucos os professores encontrados, que conseguiam ter uma relação “legal” com os seus alunos, relação onde o vínculo transferencial pudesse gerar um clima adequado para a aprendizagem. Alguns filósofos têm alertado os educadores para a possibilidade de a escola ser um espaço onde o sujeito possa conseguir **ser mais feliz**.

O filósofo francês Misrahi (1993), constrói seu pensamento e obra em torno do desejo, da alegria e da felicidade (id:100) tematizando:

...desejo como um círculo insaciável e dilacerante que apenas busca as si próprio. O desejo de nada não é mais do que um nada de desejo. O desejo é sempre transitivo, intencional, visando a plenitude e alegria.

É esse desejo que move os sujeitos, marcados pelas lembranças da escola (figura 6). O que marcou esses adolescentes na sua trajetória escolar?

Figura 6



As “boas lembranças” da escola foram expressas assim:

- O que mais marcou foi a matemática, eu gostava muito, era briguento e bagunceiro.
- Eu quase não ia à aula, não gostava de estudar, só gostava de matemática.
- Muita bagunça que fazia e depois lembrou que tocou na banda.

Nesta parte da pesquisa, percebe-se o sujeito movido pelo desejo, como coloca Misrahi (1993). Minha vivência na escola mostra que, os adolescentes fizeram isso: buscaram a “felicidade” em atitudes que não eram aceitas no contexto escolar. A escola não tem conseguido dar conta de fortalecer a pulsão epistemofílica, pulsão sublimada para a busca do conhecimento aceito e valorizado pela sociedade, que a escola fornece através dos conteúdos das diferentes áreas do conhecimento.

Na figura 7, aparece a última série cursada pelos entrevistados, e mostra que o abandono da escola aconteceu entre a quinta e sexta. Eles tinham idade superior a da turma, o que demonstra que todos repetiram várias vezes. A outra variável é que nestas séries, acontece a fase inicial da adolescência, gera muitos conflitos, é um período turbulento e angustiante para os jovens, e adultos que lidam com eles.



Figura 7

A aceitação da adolescência como uma fase transitória onde esses sujeitos buscam reencontrar o seu equilíbrio, lidar com sensações em um

novo corpo, elaborar seus lutos e buscar novas identificações, torna-se uma alternativa para os educadores poderem lidar com eles em salas de aula.

Entre os treze adolescentes que entrevistei na primeira fase do trabalho, quando tentava formar as oficinas, apenas dois lembravam de seus professores. As características que mais os marcaram foram: atenção, interesse e o carinho que os professores transmitiam a eles. Um deles descreveu a cena em que uma professora do currículo subiu em uma laje para conversar com ele sobre o seu comportamento em sala de aula.

Durante o tempo de internação na FASE, todos os adolescentes têm de freqüentar a escola, presente em todas as unidades. Em conversa informal com os monitores, estes disseram que é um trabalho árduo acordar esses adolescentes para freqüentarem as aulas, e que existem muitos conflitos entre eles e os professores que trabalham na escola.

Na minha experiência diária com adolescentes e professores, tenho visto a dificuldade que os professores apresentam em aceitar a reação mais contestadora ou agressiva do adolescente, atitudes assim são interpretadas pelos adultos como uma afronta pessoal, então reagem da mesma forma: com respostas agressivas e uma fala que deixa o aluno humilhado.

2.4. O SOFRIMENTO: DELITOS / TRANSGRESSÕES

Os atos infracionais que levaram os adolescentes entrevistados à privação de liberdade (figura 8), foram roubo e latrocínio. O motivo alegado por eles para esses delitos estão relacionado ao uso de drogas; somente dois não são usuários e roubaram por outros motivos:

— Eu roubava só por roubar, faltou serviço, emprego... eu ia comprar coisas pra mim.

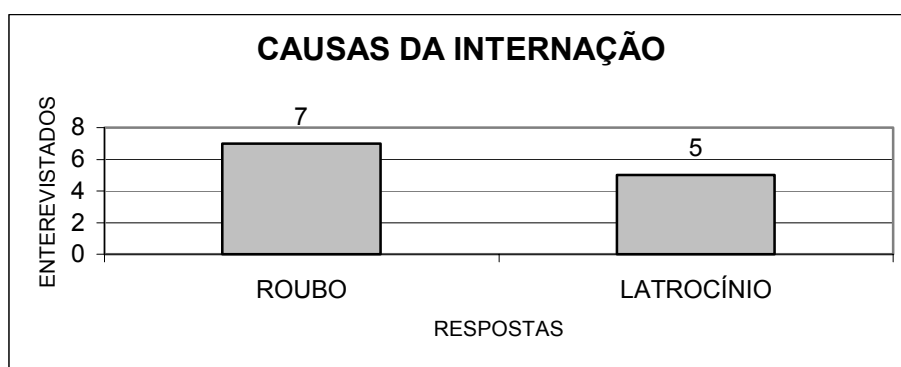


Figura 8

Outro jovem falou sobre o motivo por que roubava os carros:

— Foi tipo influência. Comecei a andar com amigos que não tinha nada haver e comecei a ir.

A figura 8^A mostra o número de adolescentes que cometeram homicídios / latrocínios.

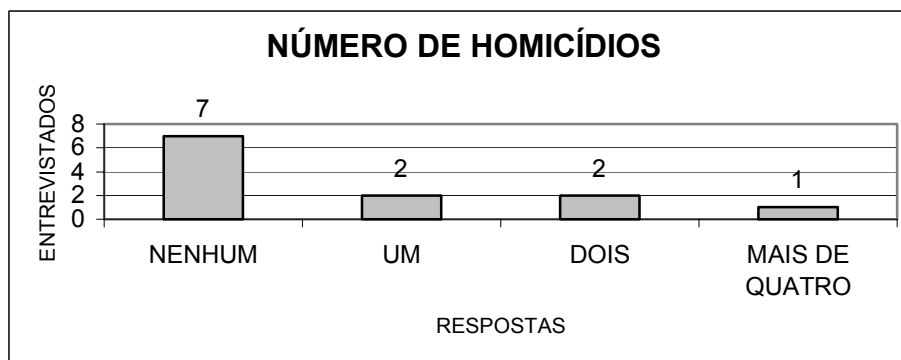


Figura 8^A

Tenho observado, através dos discursos das pessoas, que os delitos que envolvem morte são os que mais mobilizam as pessoas. Relato as falas em que esses adolescentes tentaram explicar o porquê desse gesto

— O cara falou que ia me matar, então matei ele primeiro por causa de briga de tráfico. Ah! dona não dá pra mim contar... (quantos assassinatos cometeu), continuou — eu não tou pagando todos...

Durante as entrevistas perguntei a esses adolescentes se estavam drogados quando cometeram os homicídios, eles responderam que na maioria das vezes **não** estavam “chapados”. Para eles se levanta a hipótese de que o “matante”, assim como o usuário de drogas pode ter uma estruturação psíquica diferenciada, que aponta para a perversão, baseado em suas palavras (dos adolescentes)

2.5. A VIVÊNCIA RELIGIOSA

O conceito de religião está confuso para esses adolescentes. Nas perguntas feitas, sete responderam que têm uma religião, outros cinco disseram que não, mas, ao serem indagados sobre qual religião participaram citaram uma, a umbanda ou batuque.

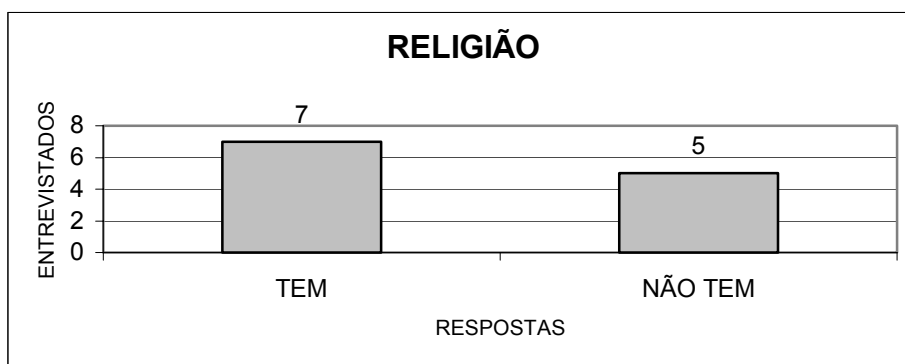
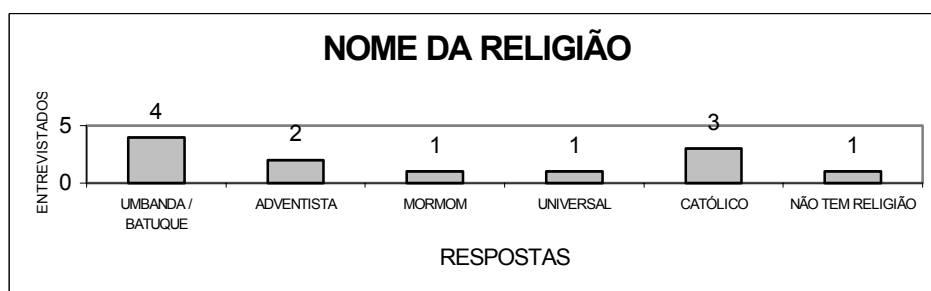


Figura 9

As religiões que mais apareceram nas falas dos jovens, Como mostra a figura 10 foram: Umbanda/ Batuque. Adventista, Igreja Universal, Santos dos últimos Dias (Mórmons). Alguns deles freqüentam os encontros que algumas religiões evangélicas mantêm na instituição, porém eles não sabem dizer quais os nomes dessas religiões. A questão da religião é um assunto que eles pouco têm a falar, mesmo os que participaram de alguma religião enquanto criança. A maioria deixou de freqüentar ao chegar à adolescência pois as mesmas impunham regras que eles não queriam obedecer.

Figura 10



O discurso religioso desses jovens infratores é confuso. Um fato que quero salientar trata dos internos que praticaram homicídios ou não têm religião ou não acreditam em Deus. Outros participam da Umbanda / Batuque. Esse fato, me faz lembrar um atendimento que fiz na escola a um adolescente, que apresentava dificuldades de relacionamento com colegas e professores; era agressivo e não realizava as atividades propostas. Ele foi encaminhado pelos professores à supervisão por “mau comportamento em sala de aula.” Conversando com ele percebi que tinha no pescoço uns colares do tipo que se usa na umbanda/ batuque. Fiquei curiosa e indaguei o porque usava esse enfeite, ao que disse participar dessa “religião”, os colares na realidade eram guias dos deuses a quem prestava cultos, mais que isso, estava sendo preparado para ser “pai de santo”. Fui indagando como eram os ritos e o que ele sentia ao participar, a resposta foi: — *Sabe, prô, eu participo porque eu gosto, e nos sacrifícios dos animais, o que me preocupa é que eu sinto prazer em ver o sangue que sai na morte desses animais.*

A fala desse aluno acompanhou minhas reflexões sobre a violência por muito tempo. Ao realizar as entrevistas na FASE, quando os jovens falavam que a sua religião era o Batuque/Umbanda sempre perguntei se envolvia o sacrifício de animais e eles confirmaram. Insiro este comentário pois percebo que o inconsciente desses adolescentes são atraídos para as situações onde é permitido matar, mesmo que sejam animais, dando espaço para o seu gozo.

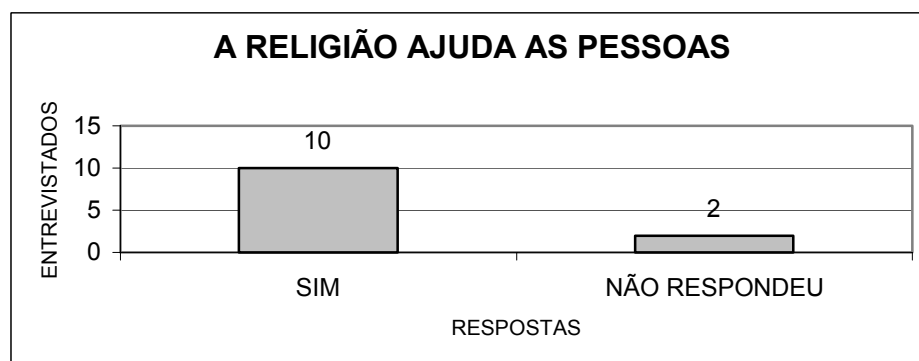
A maioria dos internos acha que as pessoas devem participar de uma religião (figura 11) e relacionam a religião com Deus, e a necessidade de sentir-se melhor e protegido.



Figura 11

Ao indagá-los sobre como a religião os ajuda, percebe-se pelas respostas (figura 12) o pensamento animista, em que existe a projeção dos seus pensamentos de controlar seus desejos por atos mágicos. O estágio religioso é onde buscam nos deuses a proteção, como a criança busca no pai.

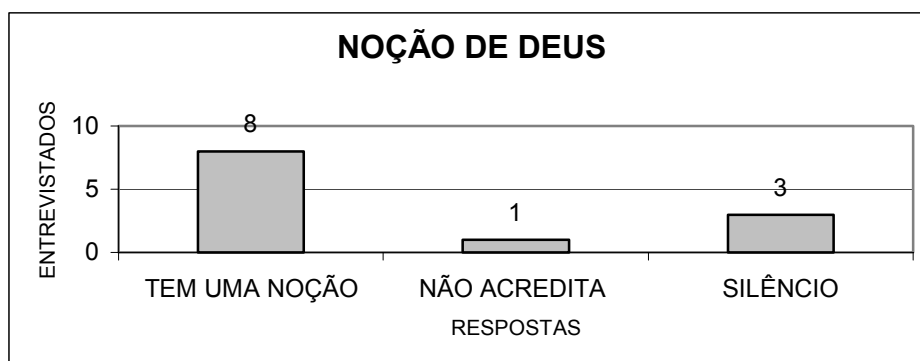
Figura 12



Na pergunta sobre o que é Deus para eles, (figura 13) apareceu algo interessante: um não acredita em Deus e o afirma de maneira segura; os outros definem Deus com dificuldade e após um longo silêncio. Pelas respostas perpassa o sentimento de que Deus é um pai provedor e realizador dos seus desejos, confirmando o pensamento religioso⁵ deles e o pouco conhecimento que têm sobre esse Deus, mesmo os que já participaram de alguma religião.

⁵ Retorno ao pensamento religioso que Freud comenta em Totem e Tabu.

Figura 13



2.6. O QUE SABEM DA FÉ

A maioria (figura 14) respondeu que fé é acreditar em alguém ou em alguma coisa e que é importante na vida deles. Somente um deles afirmou que não sabe o que é fé, outros seis relataram situações em que ao seu modo de ver através da fé; conseguiram realizar algum desejo. Outros afirmaram ter fé mas que esta tem que ser acompanhada de cuidados, e foi citada uma música que diz — ... *Fé em Deus que ele é justo...*, *que não se esqueça da guarda guerreiro, levante a cabeça*. Outro interno disse :— *Olha eu já estou perdendo a fé, eu já estou desacorçoado, tou perdendo a noção de tempo, eu tô desistindo já, tô meio caído, meio desistindo da vida*. Neste discurso, além do início de um processo de depressão, vejo a necessidade do desejo do outro, pois soube que esse adolescente de 18 anos, privado de liberdade há seis meses, não recebeu nenhuma visita neste tempo todo.

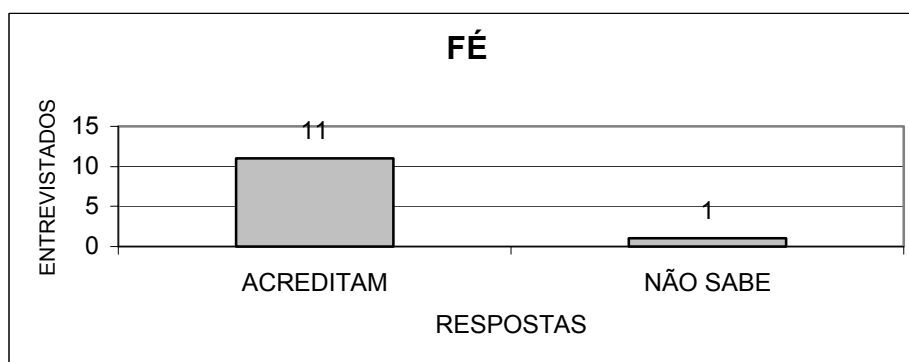
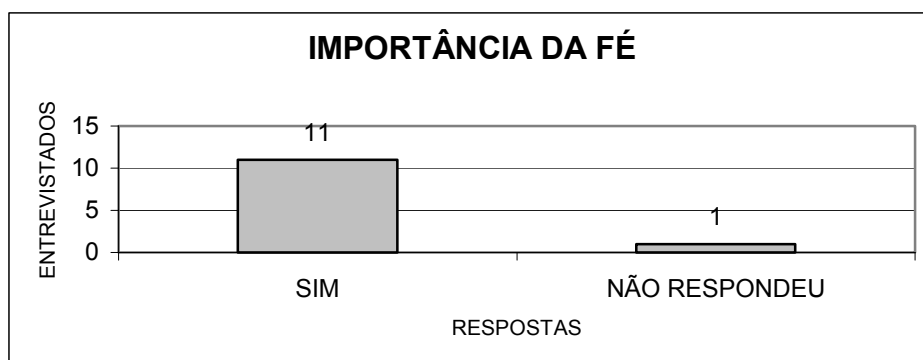


Figura 14

Percebe-se (figura 15) que os infratores, nesta pesquisa, acreditam ter fé e falam da importância dela na suas vidas. Acreditam em algo ou alguém superior a eles. No entanto, o que fica nas entrelinhas é que necessitam desse ser superior como um prolongamento do seu desejo, e que lhes dê segurança nas suas empreitadas. No conceito adotado de fé neste trabalho, a fé destes adolescentes é considerada pertencente a uma religiosidade natural, pois é um prolongamento de seus desejos associada a atos mágicos, onde esses desejos são realizados sem esforço algum por parte deles. No conceito de fé oriunda da concepção judaico-cristã, percebe-se que: “a fé é um procedimento da inteligência que engaja o homem por inteiro.”

Figura 15



A Torá define a fé partindo de Abraão, considerado o Pai do povo, (para os cristãos é considerado o pai da fé) que, usando de sua inteligência e liberdade, acreditou nas palavras do Anjo do Senhor ao dizer que iria gerar um filho mesmo sabendo ele que sua mulher Sara era estéril. Sua confiança em Deus era tanta que não negou sacrificar o seu filho a pedido Dele. Vemos na vida de Abraão um modelo de uso da liberdade, da inteligência e da vontade, onde ele, largando tudo que lhe era caro e seguro, partiu para onde Deus o enviava— como Moisés, Jeremias Elias e tanto outros homens,

que foram escolhidos e se arriscaram a seguir a palavra de Deus modificando suas vidas radicalmente.

Partindo desses exemplos, a fé ampliada em seu conceito tornando-se impulsora de mudança, uma escolha espontânea do sujeito que se engaja, em um processo de conversão, buscando uma mudança de vida, onde realidades que não se vêem, se tornam visíveis em atos e situações concretas. Esse processo de conversão, de mudança de vida orientado pela Palavra de Deus é longo e árduo, transformando-se em ascese,⁶ que muitos sujeitos ainda hoje em dia aceitam como desafio.

Durante as entrevistas pude observar a postura corporal dos adolescentes, percebi nos movimentos involuntários dos seus corpos, a angústia que os oprimia: e através da fala, presa a chavões, a alienação de seus pensamentos.

A dificuldade de raciocínio que apresentaram diante das perguntas para as quais não encontravam a resposta pronta, ou seja, ninguém antes tinha falado sobre fé com eles, isto faz com que vejamos esses adolescentes com um outro olhar: olhar da fé, para compreender melhor esses sujeitos e poder ajudá-los a buscar novos caminhos para sua vida.

⁶ Ascese (do grego àskesis 'exercício espiritual.) exercício prático que leva a efetiva realização da virtude à plenitude moral. (Ferreira, 1986:180)

2.7. OS SONHOS

Nas questões finais (figuras 16 e 17), a maioria demonstrou desejo de mudar a parte de sua vida que os levou a cometer os atos infracionais, um queria mudar o seu jeito de ser e os outros mudar tudo em sua vida. Os planos para o futuro prevêem o estudo, a busca de uma profissão e parar com o uso das drogas. Eles disseram:

—Na vida eu gostaria de mudar tudo, mudar o jeito que eu sou.

—Bah! Mudaria... só arrumar um serviço eu parava de roubar.

Mudaria tudo, começaria tudo pedindo que Deus me perdoasse o que fiz para os outros, e ter minha família de novo perto de mim, toda a minha família, mas tá faltando pedaço....



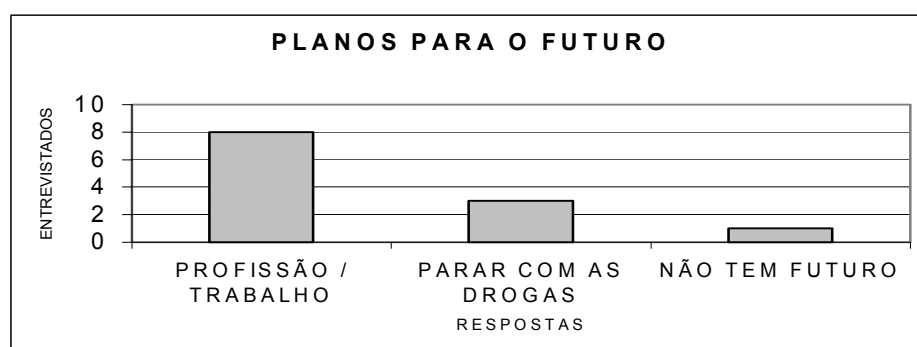
Figura 16

Um dos jovens, com 17 anos, que iniciou no mundo do crime aos sete anos e com as drogas aos nove, tem pouca expectativa de vida ao sair da sua internação pois está “jurado de morte” por muita gente de vários lugares da cidade. Ele disse:— *Olha dona não tenho plano ainda... Não dá pra pensar*

em plano pro futuro, que dá tudo errado, eu pensei que ia estudar, voltar a vida normal, mas faltou apoio, me impediram antes..., aconteceu esse bagulho na minha família...

Seu padrasto, com quem se dava muito bem e segundo suas palavras “*era mais que um pai pra mim*”, foi morto por vingança ou melhor mataram a pessoa de quem ele mais gostava, para poder atingi-lo e avisar que o próximo seria ele. Fica muito complicado ajudar esse adolescente a reconstruir sua vida, incluí-lo em um grupo social que o quer ver morto.

Figura 17



O discurso desses adolescentes, aponta para as mudanças de vida, na busca de um trabalho para sobreviver, como disse um deles:— *Eu mudaria sim, tirava esse bagulho do crime e encontraria um emprego no caminho certo*. Qual será esse “caminho certo”? Dá para perceber que no imaginário dele, como no dos outros existe, um caminho “certo” para buscar dinheiro no trabalho, mas como fica esse desejo de mudança, quando sabemos que a sociedade de hoje, apresenta grandes dificuldades na busca da solução do desemprego e na reinclusão social desses jovens infratores?

Percebi no discurso desses adolescentes uma fala pronta, com objetivo de sensibilizar as pessoas das suas intenções de mudanças ou seja de regeneração, com possibilidade de retorno ao convívio social. No início da pesquisa, entrevistei um adolescente de 19 anos que cometeu um latrocínio, já estava tendo o direito de sair da instituição aos finais de

2.8. A DEPENDÊNCIA

Deixei para o final um dado que obtive sobre o uso de drogas por parte dos adolescentes infratores. Dos doze entrevistados dois afirmaram não usarem drogas, apesar de terem experimentado ocasionalmente. Esse assunto merece uma pesquisa “especial” e um estudo aprofundado porque a maioria dos adolescentes cometeu delitos em função do consumo das drogas. Isto pode estar diretamente relacionado, quando o adolescente comete o ato infracional para poder usufruir da droga, outra situação é quando esses jovens são “usados” por traficantes para realizarem “trabalhos”, como foi contado por um deles, que matou uma pessoa que atravessou o caminho do chefe do tráfico.

O início do consumo de drogas, na pesquisa apareceu a partir de nove anos de idade, as drogas usadas vão desde loló, a maconha até o crack e alguns usaram heroína. Convém salientar que mesmo na instituição eles continuam consumindo drogas com frequência, apesar da vistoria constante feita pelos monitores. Pela idade com que iniciaram o uso, dá para concluir que eles ainda frequentavam a escola, ou se não iam às aulas diariamente, constavam da lista de presença.

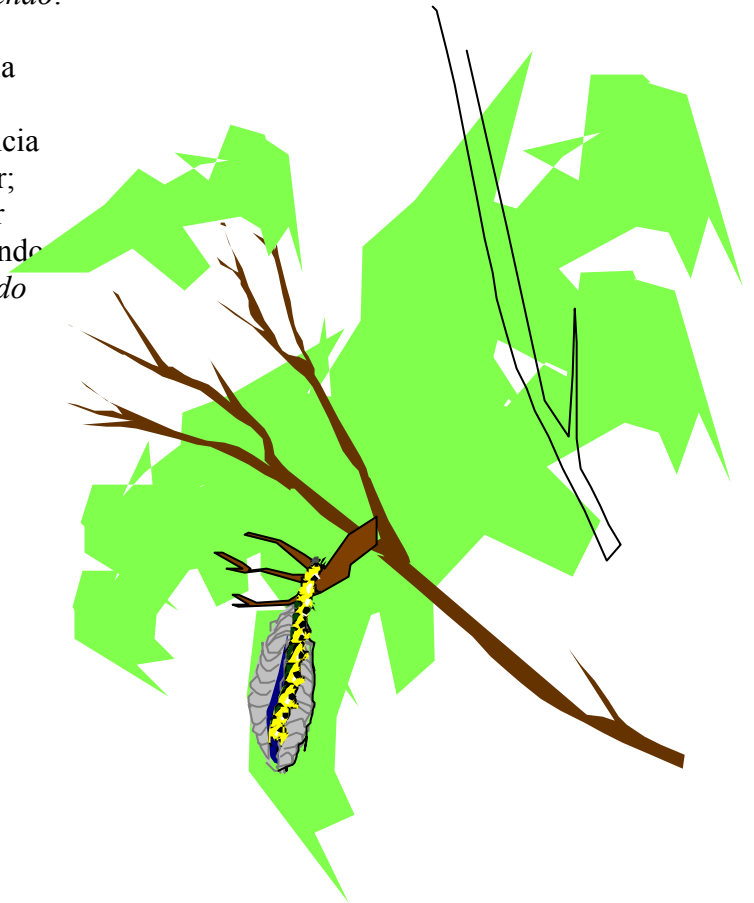
Relaciono novamente as informações que obtive nesta pesquisa com a minha vivência diária em escolas e percebo as dificuldades além do medo que os professores, orientadores, supervisores e diretores têm em lidar com a realidade do consumo de drogas pelos alunos. Continua vigente a cegueira, a mudez e a surdez, conivente, dos que por medo, não querem se arriscar a modificar a situação, trabalhar pela valorização e por uma melhor qualidade de vida para os alunos e si mesmo. Não dá para falar em combate a violência sem olhar com seriedade e comprometimento, de todos os cidadãos, para o problema da dependência química presente em todos os grupos sociais.

Estava tão embevecido,
Tão absorto e alheado,
Que se quedou meu sentido
De todo o sentir privado,
E o espírito dotado
De um entender não entendendo,
Toda a ciência transcendendo.

Quanto mais alto se sobe,
Tanto menos se entendia,
Como a nuvem tenebrosa
Que na noite esclarecia;
Por isso quem a sabia
fica sempre não sabendo,
Toda ciência transcendendo.

E é de tão alta excelência
Aquele sumo saber,
Que não há arte ou ciência
Que o possam apreender;
Quem se soubera vencer
Com um não saber sabendo
Irá sempre transcendendo

São João da Cruz



3. CRISÁLIDA

No silêncio do meus sentidos, é que encontro o que buscava, e que até então nem mesmo sabia que existia.

Eli

Na caminhada deste trabalho chegou o momento de “crisalidar”. Inspirada pelo silêncio do casulo, dar asas a reflexão, de todo esse conhecimento que adquiri, pela vivência e estudo.

O sujeito é composto por partes que interagem entre si, que possuem um movimento dinâmico e constante que o impulsionam a viver (ou a morrer), tem uma existência consciente, um aqui e agora, permeado pelo inconsciente (que é atemporal), porém, em atividade pulsional manifesta pelo seu desejo. Freud, em seu estudo **Além do Princípio do Prazer**, delineou duas pulsões: pulsão de morte (Tanatos) e pulsão de vida (Eros). Lacan, como afirma Roudinesco (1998:632), inscreveu a pulsão “...numa abordagem inconsciente que tem termos de manifestação da falta e do não realizado.”

A pulsão de vida, reúne parte das pulsões sexuais e das pulsões do eu, para a manutenção da sobrevivência da espécie e do sujeito. Ela leva o sujeito a buscar sempre uma melhor qualidade de vida para si. A pulsão de morte mantém o sujeito, buscando um retorno ao estado primeiro da inatividade inicial no ventre materno.

O movimento da vida, na dinâmica do conflito pulsional, se manifesta pela busca da satisfação do desejo inconsciente do sujeito, que pode ser desvelado por suas escolhas, pela sua maneira de viver e de agir.

O significante da metáfora paterna se constitui a partir dum ato fundador, exercido pelo pai ou por alguém que exerça essa função, o qual concede ao bebê um nome e um lugar no seu desejo, inserindo-o no mundo da linguagem, dando um limite para o seu gozo. Kehl (2002:105) completa afirmando que “ *Lacan restaura o lugar do pai como um lugar simbólico,*

necessário e suficiente para fazer de cada ser humano um sujeito marcado pela Lei, da qual o pai não é autor (como o pai da horda) mas porta-voz”

A adolescência é o momento lógico em que a operação do Nome-do-Pai deve constituir na subjetividade do sujeito sua inscrição ou forclusão, devendo manter sua própria eficácia. Rassial (1997) conclui que a operação do Nome-do-Pai deve sair da sua representação imaginária, sustentada pela família devendo fazer valer esse significante que se impõe no discurso do mestre e que funda o laço social permitindo a socialização. Nos casos citados percebe-se que este discurso do mestre (id: 52) “...*encontra um lugar vazio ou está inscrito em uma trilha de perversão, de uma versão do pai, da qual o pai da realidade está expulso.*”

Na pesquisa realizada, durante as entrevistas observei a dificuldade dos jovens em falar *de*, ou *sobre* seu pai. A maioria deles não têm presente o pai biológico; os padrastos assumiram um lugar de “amigo”, que dá conselhos, mas não está presente nos momentos difíceis, por que estão passando esses adolescentes privados de liberdade. Em **todos** os casos o padrasto ou pai nunca vieram visitar os internos.

Sabe-se que o lactante, ao vir ao mundo, organiza-se em torno da mãe com a qual tem um intenso processo simbiótico. A mãe vive para o bebê, como este vive dela. Os estudos de Anna Freud mostram que uma forte fixação à mãe, na fase edípica e pré-edípica, pode tornar a adolescência mais difícil. A mãe deve abrir um espaço para que possa se fazer presente à figura paterna, a fim de proceder um corte entre os dois assim, ao formar uma triangulação, o pai rompe a simbiose entre mãe e filho dando a oportunidade da inscrição do significante do Nome-do-Pai, instituidor da Lei que delimitará internamente a formação do outro (semelhante) e constituirá o sujeito, possibilitando a busca da satisfação do seu desejo que, no sujeito sadio, será sublimada em atividades socialmente aceitas.

No adolescente infrator, a presença da figura materna fica comprometida. Talvez, essa mãe que eles afirmam ser “tri boa” e cuja relação é “boa e ideal” pode levantar questionamentos. Dentro da estrutura

familiar deles, as mães realizaram o desejo dos filhos, isto é, não conseguiram dar um limite ao que eles pediam, ou, como dependentes químicas, geraram em seus lares situações constrangedoras e agressivas marcando seus filhos com sofrimento e angústia, diminuindo sua auto-estima, deixando espaços a serem preenchidos por outras fontes de gozo.

A definição dada por Winnicott (1983), de uma mãe suficientemente boa, é aquela preocupada em construir para seu filho um ambiente bom, onde ele se sinta acolhido e protegido, uma mãe que se identifique com o seu filho e que possa dar continuidade a esse ambiente seguro para que possa crescer com condições de resistir às frustrações, reorganizando-se de modo que possa conviver em sociedade. Podemos inferir que para Winnicott torna-se importante para o bebê que a mãe estruture um vínculo transferencial para poder dar o suporte necessário ao seu crescimento físico e psíquico. O bebê, em contra partida, retorna à mãe seu afeto. Neste ambiente suficientemente bom, “a mãe boa” deve dar espaço ao pai, ou melhor à função paterna, à vigência do Nome-do-Pai.

A subjetividade é organizada dentro do laço social. Para o adolescente, vítima de maus tratos, o importante é a busca do ser constituir um nome e um corpo. A escola, como a instituição na qual a criança se insere depois da família, tem por objetivo além da construção do conhecimento, a formação da cidadania, possibilitar torná-los cidadãos conscientes dos seus deveres e direitos. Fato que, na questão dos infratores, não foi conseguido, uma vez que estes estão respondendo medidas sócio-educativas por transgressão às leis vigentes. Na fala desses infratores o que mais esteve presente foi o fato de se sentirem agredidos e incompreendidos pelos educadores que passaram em suas vidas.

Ao chegar à pré adolescência ou adolescência, quando freqüentam os bancos escolares e, não se sentindo acolhidos pela comunidade escolar, os jovens procuram um grupo que os aceite e onde haja espaço para que possam transferir o seu afeto. Procuram pessoas que os compreendam e com as quais possa se identificar. Não encontrando na escola, o buscam em outros grupos, escolhem os que propiciam um maior espaço para seu

gozo, confirmando que a idade dos conflitos coincide com a da saída da escola (5ª e 6ª séries), conforme constatado na pesquisa. Hoje presencio nas escola que atuo, esses momentos de conflito entre os alunos e os professores.

Os primeiros atos infracionais praticados por crianças e adolescentes, podem ser interpretados como sintomas de sofrimento e conflitos inconscientes, que não sendo conduzidos adequadamente, com atenção, firmeza e carinho por parte dos adultos, induzem os jovens a procurarem cada vez mais ações que possam chamar a atenção desses adultos, chegando aos delitos mais perigosos, que colocam em risco a vida de outros seres humanos.

Os adultos (principalmente os pais e professores), em seu imaginário, esperam que o adolescente mantenha o mesmo comportamento que tinha quando criança, o que não é real. No dizer de Anna Freud o adolescente que tem um **“crescimento pacífico e constante é anormal.”** Onde pode o adolescente de hoje demonstrar a “turbulência” que as suas angústias e conflitos manifestam e ser respeitado enquanto um ser humano em crescimento? Acredito que a escola possa se ressignificar e, em parceria com os pais e pessoas ou instituições do grupo social, construir esse novo espaço.

A violência nos jovens infratores parece ser uma perturbação do conflito pulsional, pois ao tentarem reprimir a sexualidade, que já na infância apresentava desvios devido as ausências das funções paternas e maternas, não conseguiram reprimir o gozo, repressão necessária para que no processo de sublimação pudessem constituir-se como sujeito cujo o comportamento, hábitos e atitudes fossem socialmente aceitos.

Os adolescentes durante as entrevistas deram uma ênfase muito grande ao relacionamento sexual: a maioria tem namorada e filhos, e os que não têm, lamentam o fato, repetindo várias vezes isto em seu discurso. Freud coloca que a organização e o vínculo social estão alicerçados no recalçamento da sexualidade. Os internos dando vazão a esse impulso sexual, abrem brechas para que sem esse recalçamento originário outros

instintos se aflorem. Um dos entrevistados colocou que para “deixar essa vida é necessário uma “mina firmeza” isto é: um amor que limita.

Os teólogos como Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, recomendavam que o jeito melhor de amar é amar a si mesmo. Assim já preconizava Cristo ao instituir o mandamento “Amar ao próximo como a si mesmo.”

O verdadeiro amor leva o sujeito a sair de si e se colocar no lugar do seu semelhante, respeitando, o seu tempo e sua história; é sair de si para se fixar no objeto amado. O sujeito, para poder abrir-se ao sentimento amoroso, deve ter-se constituído como portador de uma falta, um significante originário da Metáfora Paterna, e sempre em busca de completar essa falta, este vazio, que está eternamente presente.

Nos internos pesquisados me pareceu, que seu processo narcísico e sua onipotência estão estruturados, sem o significante Metáfora Paterna, de forma a se sentirem como “donos do mundo” que tudo podem, inclusive parar de usar drogas no momento que quiserem, pois afirmam que eles é que **dominam** a droga e não ela que os domina.

A “amizade” entre eles obedece regras rigorosas de conduta, que não são faladas, mas constantemente cobradas. O sentimento de ajuda e amor ao próximo muitas vezes são considerados por eles como fraqueza, portanto não devem existir para não comprometer o “poder” que cada um tem sobre os demais. Diante dessa realidade tão complicada, haverá alguma chance de modificação?

Nesses quase dois anos em que fiquei convivendo e conhecendo esses adolescentes, observei que existe ,sim, a possibilidade de mudança de comportamento e a inclusão deles na sociedade, mas que para isso deverá haver uma predisposição de **todos** para mudanças. Mudanças que devem abranger também os adultos de maneira que possam acolher amorosamente esses jovens em seus corações, de forma sincera e transparente. O exercício constante do amor possibilitará isso.

Freud (1912) diz que “...*para invocar a transcendência é necessário ter fé...*”. Essa fé, que acredito ser, originário, do processo de sublimação da

pulsão sexual que se deslocou para um objeto não sexual, mas socialmente aceito, neste caso um ser transcendente: Deus. A energia sexual sublimada dá origem no sujeito ao desejo de Deus, sua inteligência tem a percepção das realidades que não vêm mas são sentidas e comprovadas por sinais concretos na sua vida que, possibilitam cada vez mais acreditar e confirmar a existência desse Deus, daí sua “confiança” e “engajamento” por inteiro (de acordo como o conceito de fé da p.27).

Nos adolescentes, pesquisados, possuem uma fé natural, acreditam em um Ser Superior, que usam para atender as suas necessidades e para dar segurança quando o medo os assola. Nos encontros com eles, percebi durante suas falas que o Ser Transcendente no qual acreditavam não tinha consistência isto é, quando o Ser Superior atendia seus desejos aumentava a crença, quando não conseguiam o que queriam ficavam na dúvida chegando a perder sua “fé” (sua crença neste Ser Superior). Esse tipo de fé realmente não alicerça uma mudança de vida porque não há um engajamento por inteiro do sujeito pela pouca confiança que tem no “seu Deus”.

Vimos no início deste trabalho que existe no ser humano uma espiritualidade inconsciente, mesmo de forma latente, uma relação com Deus. É necessário que esteja instalado no sujeito o desejo, para poder aflorar a possibilidade do anseio de uma adesão pessoal a esse Deus.

A adesão pessoal a Deus se torna verdadeira, quando o sujeito vê no seu semelhante (convertido pela fé), uma transformação de vida, percebe que esse “outro” é diferente em seu afeto para com ele, demonstrado através de gestos amorosos. A existência de uma relação sincera, transparente e de respeito à individualidade entre os sujeitos, convertidos, torna mais fácil o desejo de mudança para os outros.

A presença de Deus na vida das pessoas independe da sua vontade. A tomada de consciência e a possibilidade de constatar esta presença invisível de Deus, no cotidiano é também um processo de metamorfose — Momento em que fica clara a presença da ação de Deus nas situações de vida, como percebiam e proclamavam os antigos profetas de Israel.

Desde o antigo testamento a presença da graça de Deus se tornou visível no povo escolhido. No texto sagrado diz que: “*Moisés encontrou graças aos olhos de Deus.*”⁷ No Vocabulário de Teologia Bíblica (:386-387) a palavra Graça é explicada como :

A graça de Deus ao mesmo tempo é misericórdia inclinada sobre a miséria (*hen*), fidelidade generosa para com os seus (*hesed*), firmeza inabalável em seus compromissos(*emet*), ternura de coração e apego com todo o ser àqueles que ele ama (*rahamim*) justiça inexaurível (*tzedeh*) capaz de assegurar a todas as suas criaturas a plenitude de seus direitos e de satisfazer a todas as aspirações.

A graça de Deus atua no sujeito quando conscientemente, e no uso pleno da sua liberdade, ele faz sua adesão pessoal, e procura estar em comum união com esse Ser Supremo, procurando de coração sincero viver essa nova realidade.

No livro **Filhos do Governo** Silva (1997) relata sua experiência na busca de Deus e o quanto isso o ajudou a não retornar aos delitos, e estimulou o seu desejo de aprender e estudar, levando-o à Universidade para buscar o seu título de doutor. Neste exemplo e em tantos outros que tenho tido a oportunidade de conhecer, a mudança de vida teve como um dos componentes a fé, e a busca sincera de Deus.

Lacan inseriu nos objetos pulsionais a voz e o olhar, é através da voz que a pulsão invocante tem o seu registro na dinâmica das pulsões. A pulsão invocante foi utilizada por Didier-Weill (1999) para introduzir o termo “sonata materna”, transmitida por uma voz que passa sua música e que o bebê recebe como um canto que transmite a continuidade das vogais e a descontinuidade das consoantes que no campo da lei irá discriminar as relações; no mundo do contínuo ao escutar a música que ressoara em seu coração entrará em um mundo novo diz o autor(:10):

Por esse mundo novo que se abre para novos possíveis, ele não é obrigado a permanecer no lugar que lhe era atribuído pela lei

⁷ Êxodo 32,12: “Conheço-te pelo nome e encontraste graça aos meus olhos”

simbólica: convocado pela música a deixar este lugar, irá se deslocar para habitar, de maneira nova, uma quarta dimensão que não é mais estruturada pela fala.

A pulsão invocante é um movimento guiado para uma direção específica pela sonata materna que, então, levará o sujeito a buscar “um outro lugar” uma outra dimensão.

No surgimento das questões existenciais, na busca de um sentido para a vida, os sujeitos refletem sobre elas, buscando nas respostas condições de diminuir suas angústias e encontrar paz interior. Esse questionamento está presente em todos os seres humanos, o que pode diferenciar, que uns encontrem a paz interior e outros continuam sofrendo suas angústias.

Associando a Graça de Deus com o conflito pulsional, um encontro entre esses dois processos Graça e conflito Pulsional surge a metamorfose

Neste processo de metamorfose, quando a Graça vincula com o conflito pulsional, ela potencializa a pulsão de vida, que ativa no inconsciente do sujeito as condições necessárias para sair dessa angústia e sofrimento, através da fé, encontrar respostas para modificar sua vida. Quando não existe esta vinculação da Graça com o conflito pulsional, a pulsão de morte é potencializada mantendo o sujeito na angústia e no sofrimento.

Torna-se necessário, para que haja essa metamorfose, que no inconsciente do sujeito esteja inscrita a Lei, pelo significante do Nome-do-Pai e a sonata materna, cuja voz amorosa movimenta a pulsão invocante.

No meu trabalho com grupos de adolescentes tenho constatado que a presença de Deus na vida dos sujeitos, que os transforma pela sua Graça e pela voz de alguém, uma “sonata” que anuncie seu amor misericordioso. Por essa experiência parece-me que o adolescente infrator pode ter sua vida também transformada. Muitos deles não tendo qualquer esperança ou registro de amor em suas vidas vão criando, como uma “couraça de pedra” para poderem sobreviver neste mundo.

Levar essa mensagem aos jovens privados de liberdade, requer uma aceitação e um respeito às histórias de suas vidas. Junto deve existir uma

paciência “infinita” para poder esperar o momento de desabrochar esse amor de Deus.

A libido, segundo Freud, tem sua origem na sexualidade, está como uma economia energética que nutre o conflito pulsional. Uma das representações da libido pode ser a fé, o sujeito que tem seu gozo atrelado a castração (iniciada pela função paterna) e a constituição de marcas amorosas através da sonata materna, alicerça dentro de si a fé como algo dinâmico, impulsionado pela libido, que transforma o indivíduo em um ser arrojado, cujo desejo se torna transcendente. Essa busca da transcendência, Lacan coloca no Outro, inconsciente que é Deus.

Viktor Frankl (1985) direciona seu pensamento buscando na transcendência um sentido para vida, um desejo de Deus. Desejo este que o salmista proclama, no salmo 63:

Ó Deus, tu és o meu Deus, eu te procuro.
Minha alma tem sede de ti,
minha carne te deseja com ardor,
como terra seca, esgotada, sem água.

Neste salmo a busca de Deus se torna uma necessidade física que nos remete à sexualidade que Freud tanto defendeu.

Dentro da cultura ocidental, judaico cristã de nossa formação, parece que todo sujeito ao regular o seu gozo e na transferência amorosa buscar seu objeto estará desenvolvendo o amor ao próximo.

Amor que deve ser mediado a partir da sonata materna e que ao imprimir sua marca afetiva, potencializa esse sujeito a resistir às frustrações advindas dos descompassos da vida.

A verdadeira religião é também um grupo social (de pessoas) que através de uma mística, e de ritos, buscam a re-ligação com Deus, e sustentam o desejo, uns dos outros, quando na turbulência da vida o sujeito se sentir enfraquecido. Neste caso, “os outros” são portadores desses desejos oriundos da representação da libido pela fé, uma das virtudes teológicas. Quanto mais consistente for a religião no respeito ao próximo, na

crença da liberdade de opção do sujeito e, principalmente, em acreditar na fé desse sujeito, mais o amor brotará como um lótus nas águas pantanosas.

Acreditando nisso é que o sujeito pode constituir sua fé na transcendência e na visibilidade de Deus em atos da sua vida e nas dos seus semelhantes, companheiros de caminhada.

Atrás de amoroso lance,
Que não de esperança falto
Voei tão alto, tão alto,
Que, à caça, lhe dei alcance.

Para que eu alcance desse
Aquele lance divino,
Voar tanto foi preciso
Que de vista me perdesse;
E, contudo, neste transe
A meio do vôo quedei falto;
Mas o amor foi tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

Quando mais alto subia
Deslumbrou-se-me a visão,
E a mais forte conquista
Se fazia em escuridão;
Mas por ser de amor o lance,
Dei um cego e escuro salto,
E fui tão alto, tão alto,
Que lhe dei, à caça, alcance.

São João da Cruz



4. METAMORFOSE

Dar-vos-ei um coração novo, porei em seu íntimo um espírito novo, tirarei do vosso peito o coração de pedra vos darei um coração de carne.

Ezequiel 36,26

Romper hoje a violência da maneira como está sendo realizada, combatendo-se violência com violência, não levará à lugar nenhum pois a violência só destrói e não constrói nada.

Transformar marcas de dor e sofrimento que a violência deixa, em sentimentos de amor é uma tarefa cultural que o grupo social deve realizar, podendo utilizar, para isso, as instituições existentes. A psicanálise pode ajudar a compreender esses sujeitos que buscam a paz interior e a felicidade. Como podemos apreciar no livro do **Cântico dos Cânticos** (3,1-4).

Em meu leito, pela noite,
procurei o amado da minha alma.
Procurei-o e não o encontrei!
Vou levantar-me,
vou rondar pela cidade,
pelas ruas, pelas praças,
procurando o amado da minha alma...
Procurei-o e não o encontrei!...
Encontraram-me os guardas
que rondavam a cidade.
“Vistes o amado da minha alma?”
Passando por eles, contudo,
encontrei o amado da minha alma.
Agarrei-o e não vou soltá-lo,
até levá-lo à casa da minha mãe,
ao quarto da que me levou em seu seio.

Este trecho do livro do **Cântico dos Cânticos** retrata o que Freud e Lacan nomearam como um sujeito desejante; como um peregrino em busca da satisfação que possa preencher o que lhe falta. Assim é que me vejo ao concluir este trabalho, uma peregrina que buscou aquilo que faltava, pensando poder preencher o seu “vazio”. Como os lepidópteros (as lagartas), parti em busca de uma satisfação total. Com os olhos da razão, caminhei entre as pessoas percebendo suas realidades, naquilo que não conseguia entender o pensamento me ajudava pois, o cabedal de conhecimento científico torna-se quase infinito, com acúmulo de tudo que já foi estudado pelo ser humano. Vi tragédias acontecerem a minha volta, pessoas angustiadas sofrendo por falta de um sentido em suas vidas; percebi outras buscando consolo nas ciências, encontrando apenas momentos efêmeros de tranqüilidade; olhei para fora de mim e vi que outros tantos, como eu também, buscavam a satisfação do seu desejo.

Percebendo que nas coisas visíveis e pensáveis minhas respostas seriam também efêmeras, como a flor que nasce com sol e com ele morre, subi para um lugar alto; assim como a lagarta, lá teci meu casulo para me proteger da dor, da angústia e do sofrimento. Foi assim que encontrei uma outra dimensão dentro de mim: a da transcendência. Partindo da descoberta do meu inconsciente é que pude conectar com o desejo que me impulsiona, que me faz buscar no gozo sua satisfação; como é complicado viver em uma outra dimensão e ao mesmo tempo manter os pés no chão, ou seja, sem perder o meu juízo e nem me isolar do mundo. Foi fechada no meu casulo que ocorreu a minha metamorfose, aquela lagarta peluda cheia de pés (literalmente fincados no chão), de repente, se tornou um linda borboleta, pois encontrou em si mesma, na sua libido, a força para buscar a transformação do seu coração, que recebeu da Graça de Deus.

A palavra coração não tem o mesmo sentido que é dado por nós brasileiros, o nosso significado de coração, abrange o órgão do aparelho circulatório e o lugar simbólico dos afetos. No vocabulário hebraico, a palavra coração é usada pelo hebreu⁸ como o “interior do homem”. Além dos

⁸ Conforme está no Vocabulário de Teologia Bíblica :175

sentimentos o coração também contém as recordações, as idéias e os projetos, além das decisões. Descobri que Deus me deu um coração para pensar e foi assim que enfrentei a caminhada deste trabalho, buscando encontrar em cada pessoa o seu verdadeiro “coração”.

A experiência maior foi a minha relação com esses adolescentes marginalizados. Aprendi muito com eles, principalmente a ver o meu “coração” e a dureza em que ele estava se tornando, ao ouvir sem questionar o discurso de um capitalismo selvagem e opressor.

Na FASE recebi o carinho que esses jovens podem dar, carinho manifestado pela suas falas, brincadeiras, em desenhos, bijuterias feitas por eles, percebi suas ansiedades ao me esperarem nas quartas-feiras, a frustração e preocupação, quando eu não podia comparecer. Cada um deles marcou o seu lugar no meu coração.

O que foi estudado e escrito aqui, partindo das teorias, foi vivido por mim, e esse trabalho também tornou-se a minha história, escrita de um maneira que pudesse ser aceita em uma academia. Assim como no **Cântico dos Cânticos**, eu busquei e encontrei o amor da minha vida e não o deixarei jamais, esse amor transcendente que Deus fez brotar no meu coração, não é nada mais que o próprio Deus presente nele. Como a “amada encontrei o amado da minha alma, agarrei-o e não o deixarei jamais” pois é Ele que me ajudará a buscar e encontrar nos outros, na verdade de seus corações transformados no amor desse amado, a força que impedirá que a violência fixe seu lugar no coração dos homens.

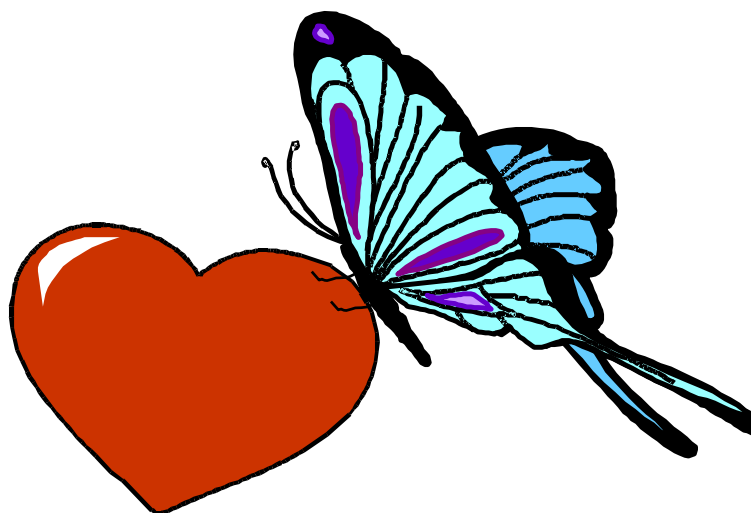


Minha alma se há voltado,
com meu cabedal todo, a seu serviço;
Já não guardo mais gado,
Nem mais tenho outro ofício,
que só amar é já meu exercício.

Se agora, em meio a praça,
Já não for mais eu vista, nem achada,
Direis que me hei perdido,
e andando enamorada
Perdidiça me fiz e fui ganhada.

Minha alma está desprendida
de toda coisa criada
e sobre si levantada,
numa saborosa vida
só em Deus arrimada.
Por isso já se verá
a coisa que mais estimo,
que minha alma se vê já
sem arrimo e com arrimo.

Faz tal obra o amor
depois que eu o conheci,
que se há bem ou mal em mim,
tudo faz de um só sabor,
e à alma transforma em si;
e assim sua chama saborosa,
a qual em mim estou sentindo,
apressa sem restar coisa
todo me vou consumindo.



São João da Cruz

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABERASTURY, Arminda; KNOBEL, Maurício. **Adolescência Normal**
Um Enfoque Psicanalítico. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1984.

_____ **Adolescência**. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1990.

Adolescência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Editora
Artes e Ofícios, n. 11, Ano V, nov. 1995.

ALBISETTI, Valério. **De Freud a Deus**. São Paulo: Paulinas, 1997.

Anais do Primeiro Congresso de Educação de Gravataí, 1998.

ANTUNES, Celso. **Manual de Técnicas**. Petrópolis: Vozes, 1987.

ASSIS, Simone Gonçalves. **Traçando Caminhos em uma sociedade
violenta**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1999.

Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Ilusões. Porto Alegre: 1995.

Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Adolescência. Porto Alegre:
1999.

AULAGNIER, Piera. **Os Destinos do Prazer**. Rio de Janeiro: Imago, 1985.

_____ **A aprendiz de historiador e o Mestre-Feiticeiro**. São Paulo:
Escuta, 1989.

_____ **Um Intérprete em Busca de Sentido**. São Paulo: Escuta,
1989.

AZEVEDO, Maria Amélia (Organizadora). **Crianças Vitimizadas : A Síndrome do Pequeno Poder**. Editora Iglu, 1989.

BAYER, Hugo Otto. **O Fazer Psico pedagógico**. Porto Alegre: Editora Mediação, 1996.

BARBIER, René. Escuta sensível. In **Cadernos Anped**, n.º 5, 15ª Reunião da Anped, Caxambú : 1992. Trabalhos. UFRGS, 1993. p. 187- 216.

BARROS, Adil de Jesus Paes de; LEFELD; Neide Aparecida de Souza. **Propostas Metodológicas**. Petrópolis: Vozes, 1990.

BERGÈS Jean; BALBO Gabriel. **Atualidade das Teorias Sexuais Infantis**. Porto Alegre: CMC Editora, 2001.

_____ **Jogo de Posições da Mãe e da Criança**. Porto Alegre: CMC Editora, 2001.

BETTELHEIM, Bruno. **Freud e a Alma Humana**. São Paulo: Editora Cultrix, 1982.

Bíblia de Jerusalém. São Paulo: Editora Paulinas, 1985.

BOGDAN, Robert C; BIKLEN Sari K.. **Investigação Qualitativa em Educação**. Portugal: Porto Editora, 1994.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Pesquisa Participante**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

CADERNOS PEDAGÓGICOS 9. Secretaria Municipal de Educação Porto Alegre: dezembro de 1996.

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

CRAIDY, Carmem Maria. **Meninos de rua e Analfabetismo**. Porto Alegre: ARTMED, 1998.

DEMO, Pedro; LA TAILLE, Yves de; HOFFMANN, Jussara. **Grandes Pensadores em Educação** : O Desafio da Aprendizagem, da Formação Moral e da Avaliação. Porto Alegre: Editora Mediação, 2001.

DIDIER-WEILL, Alain. **Invocações: Dionísio, Moisés, São Paulo e Freud**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

DOR, Joel. **Introdução à Leitura de Lacan**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

DROGUETT, Juan Guillermo. **Desejo de Deus** - Diálogo entre Psicanálise e Fé. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

ENRIQUEZ, Eugène. **Da Horda ao Estado** - Psicanálise do Vínculo Social. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

FABRIS, Suzana. **Ultrapassando a Barra Significações do aprender, do ler e do escrever em alfabetizando adultos**. Porto Alegre: UFRGS, Dissertação. Faculdade de Educação, 1993.

FERRAZ, Flávio Carvalho. **Violência e medo**. in Pulsional Revista de Psicanálise, ano XIV, n.147, 12-20.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa**. São Paulo, Nova Fronteira, 1986.

FERNANDEZ, Alicia. **A Inteligência Aprisionada**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FIORI, Wagner da Rocha. **Modelo Psicanalítico. In Teorias Do Desenvolvimento Conceitos Fundamentais**. São Paulo: EPU, 1981.

FLEIG, Mário. **Psicanálise e Sintoma Social**. São Leopoldo: Unisinos, 1993.

FLEM, Lydia. **A Vida Cotidiana de Freud e seus Pacientes**. Porto Alegre: LPM, 1988.

FOLBERG, Maria Nestrovsky. **Dialética do Discurso de Pais e Filhos Adolescentes** – um estudo hermenêutico – Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 1983.

_____ **Cadernos de Estudos Especializados série Educação Especial: Criança Psicótica e a Escola Pública**, 1994

_____ **Desdobrando o Averso da Psicanálise**: Porto Alegre. Evangraf: 2002.

FRANKL, Viktor E. **Um Sentido para a Vida**. Aparecida: Editora Santuário, 1989.

_____ **A Presença Ignorada de Deus**. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1985.

FREIRE, Jurandir Costa. **Violência e Psicanálise**. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

_____ **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____ **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

_____ **À Sombra Desta Mangueira**. São Paulo: Olho-d'água, 1995.

_____ **Pedagogia da Autonomia**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREUD, Anna. in **Associação Psicanalítica de Porto Alegre.- Adolescência**. Porto Alegre: 1995.

FREUD, Sigmund. **Interpretação dos Sonhos** (1900) Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1997.

_____ **Psicopatologia da Vida Cotidiana**. (1901) Rio de Janeiro: Imago

_____ **Três Ensaios sobre a Sexualidade**. (1905) Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1990. V. VII

_____ **A Dinâmica da Transferência** (1912). In:—Obras Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XII,

_____ **Totem e Tabu (1912)**. Rio de Janeiro: Editora Delta, Vol. VII, s/d.

_____ **Além do Princípio do Prazer**. (1920) In:—Obras Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XII,

_____ **Inibições, Sintomas e Ansiedade. (1926 [1925])** Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Imago, Rio de Janeiro: 1996. v.XX

_____ **O Futuro de uma Ilusão (1927) –Obras completas**, Rio de Janeiro Imago, 1974.

_____ **Psicologia de Grupo e Análise do Ego.**(1921) Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1990, V. XXII.

_____ **O Mal Estar na Civilização (1930)** - Obras Completas, Rio de Janeiro: Imago, 1974, Vol. XXI.

_____ **Cartas entre Freud Pfister.** (1909-1939). Viçosa: Ultimato 1998.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Editora Vozes, 1989.

_____ **Resumo dos Cursos do Collège de France.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.

_____ **Eu, Pierre Revière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1997.

FURASTÉ, Pedro Augusto. **Normas Técnicas para o Trabalho Científico.** Porto Alegre: 2001.

GADOTTI, Moacir. **História das Idéias Pedagógicas.** São Paulo. Ática, 1993.

GALVÃO, Izabel. **Henri Wallon.** Petrópolis: Vozes, 1996.

GAUER, Gabriel J. Chittó; GAUER, Rute Maria Chittó. **A Fenomenologia da Violência.** Curitiba: Juruá Editora, 2001.

GEISSMANN, Claudine e Pierre. **A Criança e a Sua Psicose**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1991.

GOLEMAN, Daniel. **Inteligência Emocional**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

HANNS, Luiz Alberto. **A Teoria Pulsional, na Clínica de Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1999.

HARD, Beatriz. in **Psicanálise e Sintoma Social**. Mario Fleig, São Leopoldo: Ed. Unisinos, 1993.

JARDIM, Marta; SCHUCH, Patrice. **Considerações Sobre a História do Atendimento à Infância e à Juventude**. mimeo. s/d

JONES, Ernest. **Vida e Obra de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.

KECHIKIAN, Anita. **Os Filósofos e a Educação**. Portugal: Edições Colibri, 1993.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KLEIN, Melaine. **A Psicanálise de Hoje - Psicologia da Infância e Adolescência**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1970.

KRISTEVA, Julia. **No Princípio Era o Amor - Psicanálise e Fé**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.

_____ **Las Nuevas Enfermedades Del Alma**. Madrid: Editora Cátedra, 1995.

- _____ **Histórias de Amor**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1998.
- KUPFER, Maria Cristina. **Freud e a Educação**. São Paulo: Scipione, 1995.
- LACAN, Jacques. **Escritos**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- _____ **O Seminário, livro 2**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- _____ **O Seminário, livro 5**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.
- _____ **O Seminário, livro 7**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____ **O Seminário, livro 11**. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- _____ **O Seminário, livro 17**. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- _____ **A Família**. Lisboa: Assírio & Alvin, 1987.
- LAJONQUIÈRE, Leandro de. **De Piaget a Freud**. Petrópolis: Vozes, 1992.
- LEON-DUFOR, Xavier. **Vocabulário de Teologia Bíblica**. Petrópolis: Vozes, 1977.
- LEVISKY, D.(Org.) **Adolescência e Violência Conseqüências da Realidade Brasileira**. Porto alegre: Editora Artes Médicas, 1997.
- _____ **Adolescência Pelos Caminhos da Violência**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.
- LIMA, Adriana de Oliveira. **Alfabetização de Jovens e Adultos e a reconstrução da escola**. Petrópolis: Vozes, 1991.
- LYONS, John. **Linguagem e Lingüística** - uma introdução. Rio De Janeiro, Zahar, 1982.

LOPES, Eliane M. T. **A psicanálise escuta a educação**. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 1998.

MAFRA, Taciana de Melo. **Um Percurso em Psicanálise com Lacan**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

MINERBO, Marion. **Estratégia de Investigação em Psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-Chaves da Análise do Discurso**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

MARASCHIN, Cléa; SCHAFFER, Margarete. **Psicologia e seus sujeitos**. In **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

MASLOW, Abraham H. **Introdução a Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca.

MELMAN, Charles. in **Associação Psicanalítica de Porto Alegre, Adolescência**. Porto Alegre: 1995.

MISRAHI, Robert. Educar para a alegria, não para o trabalho. In: KECHIKIAN, Anita. **Os filósofos e a Educação**. Portugal: Colibri, 1993 .p 11-17.

MOLL, Jaqueline. **Alfabetização Possível**. Porto Alegre: Mediação, 1996.

MORAES, Renate Jost. **O inconsciente sem Fronteiras**. São Paulo: Editora Santuário, 1995.

_____. **As chaves do Inconsciente**. Petrópolis: Editora Vozes, 2000.

MOSQUERA, Juan J, Mourino. **Psicodinamica do Aprender**. Porto Alegre: Sulina, 1975.

NASIO, J.D. **Introdução às Obras de Freud - Ferenczi - Groddeck...** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1995.

_____ **Os Grandes Casos de Psicose**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

O PROCESSO EDUCATIVO SEGUNDO PAULO FREIRE E PICHON-REVIÉRE. Seminário promovido e coordenado pelo Instituto Pichon-Revière de São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1989.

PADOVANI, Humberto; CASTAGNOLA, Luis. **História da Filosofia**. São Paulo: Editora Melhoramento, 1961.

PAIN, Sara. **Diagnóstico e Tratamento dos Problemas de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

PALMER, Michael, **Freud e Jung**. São Paulo: Loyola, 1997.

PAPA JOÃO PAULO II. **Cartas Encíclica Fides e Ratio**. São Paulo: Paulinas, 1998.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso - Uma Crítica a Afirmação do Óbvio**. São Paulo: Editora Unicamp, 1997.

_____ **O Discurso - Estrutura e Acontecimento**. São Paulo: Pontes, 1990.

PEREIRA, Eli Chiu. **Aprender com o Mestre Feiticeiro**. Porto Alegre: FDRH 1998. Monografia. Fundação de Desenvolvimento de Recursos Humanos. Rio Grande do Sul: 1998.

PIAGET, Jean. **Psicologia e Pedagogia**. Rio de Janeiro: Forense, 1972.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete Lições sobre Educação de Adultos**. São Paulo: Cortez, 1986.

Psicanálises - Ilusões Contemporâneas. Boletim da Associação Psicanalítica de Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, n. 10, Ano IV, out. 1994.

Psicanálise em Tempo de Violência. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre, n. 12, Ano VI, s/d.

RASSIAL, Jean Jacques. **A Passagem Adolescente** - da Família ao Laço Social. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1997.

_____ **A Adolescência como Conceito da Teoria Psicanalítica**. in. Adolescência Entre o Passado e o Futuro. Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1997.

_____ **O Adolescente e o Psicanalista**. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ROUDINESCO Elisabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

RODRIGUES, Neidson in **Caderno de Gestão Democrática do ensino Público 4—LDB Caminhos de Mudança**. 1997

SANCHEZ, Amauri M. T. et al. **Drogas e Drogados: O indivíduo, família, a sociedade.** São Paulo: EPU, 1982.

SÃO JOÃO DA CRUZ. **Obras Completas.** Petrópolis: Vozes, 1991.

SCORSATO, Teresinha Bastos. **O desejo e a vicissitude do desejo do ensinante de 1º grau: uma abordagem psicanalítica.** Dissertação de Mestrado. UFRGS Porto Alegre: 1997.

SCHUCH, Patrice. **Estranhando o Familiar; A Importância de Informações para o Atendimento do Adolescente Autor de Ato Infracional – mimeo-sd.**

Seminário Adolescentes em Conflito com a Lei e as Medidas Sócio-Educativas: Implementando o Estatuto da Criança e do Adolescente, 1995, Brasília. FEBEM/RS.

SILVA, Hélio R. S. in **Fenomenologia da Violência.** GAUER, Gabriel J. Chittó; GAUER Rute Maria Chittó. Curitiba : Juruá Editora, 2001.

SILVA, Roberto. **Os Filhos do Governo.** São Paulo: Editora Ática, 1997.

SOARES, Luiz Eduardo. **Violência e Política no Rio de Janeiro.** Rio de Janeiro: Editora Dumará, 1996.

SOUZA, Edson Luis André (Organizador) **Psicanálise e Colonização – Leituras do Sintoma Social no Brasil.** Porto Alegre: Editora Artes e Ofícios, 1999.

SOUZA, Mériti de. **A Experiência Transgressiva : Leis e Adolescentes.** Pulsional - Revista de Psicanálise, Ano XIV, n. 147, 52-65, jul. 2001.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução a Pesquisa em Ciências Sociais**.
São Paulo: Atlas, 1987.

TSÉ, Lao. **Tao Te King**. São Paulo: Circulo do Livro. s/d.

TUBERT, Sílvia. **A Morte e o Imaginário na Adolescência**. Rio de Janeiro:
Companhia de Freud, 1999.

VASSÉ, Denis. **Leitura Psicanalítica de Teresa D'Avila**. São Paulo:
Editora Loyola, 1994.

VIEIRA, Elaine; VOLQUIND, Léa. **Oficinas de Ensino: o quê? Por quê?
Como?** Cadernos EDIPUCRS.

VYGOSTKY, L. S. **A Formação Social Da Mente**. São Paulo. Martins
Fontes, 1994.

XAVIER, Maria Luiza Merino, org. **Disciplina na Escola**. Porto Alegre:
Mediação, 2002.

WONDRACEK, Karin K. Kepler. **O amor e seus destinos**, um estudo de
Oskar Pfister como contribuição para o Diálogo entre Teologia e a
Meta Psicologia. São Leopoldo: 2002. Dissertação de Mestrado em
Teologia.

_____ **O Futuro e a Ilusão**, um embate com Freud sobre Psicanálise
e religião. (no prelo)

WADSWORTH, Barry J. **Inteligência e Afetividade da Criança na Teoria
de Piaget**. São Paulo: Editora Pioneira, 1997.

WINNICOTT, D.W. **Privação e Delinqüência**. São Paulo: Editora Martins
Fontes, 1999.

_____ **O Ambiente e os Processos de Maturação** – estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

WUNDERLICH, Alexandre. in **A fenomenologia da violência**. Gauer, Gabriel et al. Curitiba: Juriá, 2001

**ANEXO
A**

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 1 : O QUE VOCÊ LEMBRA DA SUA INFÂNCIA ? AS COISAS BOAS E AS NÃO TÃO BOAS.
	RESPOSTAS
1	—Que trabalhava aos 12 e 13 anos, como vendedor de frutas. Quando menor lembra de trabalhar com o pai, tinha carroça; depois Kombi...Era legal! <i>19 anos – usa drogas</i>
2	— Eu me lembro só de jogar bola, eu não tive muita infância, entrei no mundo do crime desde os 7 anos. <i>17 anos – usa drogas desde 9 anos</i>
3	(Silêncio, não lembra de nada) <i>17 anos – usa drogas desde os 15 anos</i>
4	— Eu lembro de várias coisas, eu morava com a mãe, eu fazia várias coisas junto com ela. Ajudava ela a fazer comida, na cozinha, às vezes acordava cedo e ajudava ela a fazer o café, eu trabalhava na roça com o pai e serviço de rua <i>18 anos – não usa drogas, só fuma</i>
5	— Algumas coisas, eu ia na igreja com o pai de vez em quando, eu era meio brigão, “saia de vez em quando com meus pais, que eu viajava, eu ia longe. <i>16 anos – usa drogas desde os 10 anos</i>
6	— Muita pouca coisa, trabalhar em mercado, varrer minha casa, e jogar um pouco de futebol.

	<i>18 anos – não usa drogas, só fuma cigarro</i>
7	<p>— Nada, eu não me lembro muito de pouca coisa, Que ficava muito em casa, ajudando a minha mãe, a limpar a casa, cuidar dos meus irmãos.</p> <p><i>17 anos – usa drogas desde os 12 anos</i></p>
8	<p>(Silêncio) ... — lembra que ia na escola, e aí meu pai batia um monte em mim; porque eu bagunçava, brigava e batia no meu irmão pequenininho.</p> <p><i>15 anos – usa drogas desde pequeno</i></p>
9	<p>(Silêncio)... — Ah! muitas coisas, brincadeiras: jogar bola, catar pedras, várias coisas; escola.</p> <p><i>17 anos – usa drogas : só maconha</i></p>
10	<p>— Lembro poucas coisas. Eu lembro que via a minha mãe e o meu pai brigando, meus irmãos chorando, um monte de coisas.</p> <p><i>17 anos – usa drogas desde os 10 anos(crack)</i></p>
11	<p>— Que eu era um guri que jogava futebol, jogava pião, ia pro snoque, ia ver meus pais jogar, brincava de pega-pega , um montão de coisa.</p> <p><i>14 anos – usa drogas desde 9 anos (crack)(o pai deu crack prá ele)</i></p>
12	<p>— Bah! (Silêncio)...nem sei como era. (Silêncio)</p> <p><i>16 anos – usa drogas (crack) desde os 15 anos</i></p>
Legenda dos campos de respostas	
(Silêncio)...	Silêncio do entrevistado
Comentário..	Comentário da Autora
Lembro...	Resposta do Entrevistado

ENTREVISTADOS	<p>PERGUNTA N.º 2 :</p> <p>COMO VOCÊ SENTIA A RELAÇÃO ENTRE SEUS PAIS?</p>
	<p>RESPOSTAS</p>

1	— Legal, eu gosto deles, e os dois se gostam de mim também, não gostam que eu faça isso, depois eu mudei mas, agora quando eu caí não estava mais roubando parei de apresentar no fórum. Viviam legal!
2	<i>Conheceu o pai verdadeiro, era muita briga entre os pais.</i> <i>Padrasto a relação</i> — era tribem, era mais que um pai prá mim, tinha 5 ou 6 anos quando o padrasto veio. <i>Obs.: o padrasto foi morto por vingança.</i>
3	É adotado, os pais moram fora de Porto Alegre (não vem visitá-lo) — não sabem onde fica a Febem. <i>Foi adotado aos 9 meses.</i>
4	— Ah! Eles tri bem, se davam tri bem os dois; não brigavam, era difícil brigar.
5	— Antes era a base de relho, agora, não, agora tá tudo normal. <i>(Depois disse que não brigavam)</i>
6	<i>Os pais faleceram.</i> — Tinha 14 anos, pai foi morto com as pessoas que fumavam e cheiravam. Tinha 15 anos quando a mãe se matou.
7	<i>O pai foi morto quando tinha menos de 1 ano. Vivia com padrasto, a relação “era bem”, brigavam de vez em quando que nem toda família briga.</i>
8	— É eles brigavam muito, quando meu pai bebia né, ele era tri radical ele dava laço em mim.
9	— Tranqüila; eles são separados mas moram na mesma casa.
10	— Antes não era muito boa, agora tá melhor, agora o meu pai não bebe mais, vão prá igreja, agora tão bem lega.
11	— Eles se separaram por causa das drogas... — Meu pai batia na minha mãe..., minha mãe dava nele.
12	— Nem sei dizer dona, davam tribem os dois.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 3 : A RELAÇÃO COM A MÃE COMO ERA ? O QUE MAIS MARCOU ?
	RESPOSTAS
1	— Bem legal, Bah! A mãe é tudo prá gente. Ah! Que eu pedir para ela, ela me dá, sempre dizendo que não é prá fazer bobagens. O que mais marcou ? (Silêncio) o mais legal é eu estar do lado dela.
2	— A mãe fazia tumulto: “me xingava, botava de castigo, dava em mim. (Silêncio) <i>O que mais marcou: mesmo insistindo a resposta foi negativa.(não se lembrava)</i>
3	— A relação com a mãe que te criou? Tudo bem, eu era feliz, eu aprontava porque eu cheirava, sempre ganhei tudo deles, nunca faltou carinho. <i>(mãe de criação, foi adotado aos nove meses)</i>
4	— Ah! Era tri bom lá; era tri bom mesmo. Ela sempre cuidava de mim, do meu irmão. O que mais marcou (Silêncio), passo várias coisas de bom. Exemplo ? No aniversário, fazia bolo, no Natal sempre tava junto dela. <i>(mãe morreu em 2000)</i>
5	— Até que agora é legal, mas antes não era muito legal. Ela batia em mim quando eu era menor. Batia porque minha irmã pegava uns bolos prá ela e comia comigo e com meu irmão, ela tirava as cucas só prá me alvoroçar.
6	— A mãe era alcoólica, bebia desde os 14 anos, não gostava de viver com ela por causa que os meus padrastos batiam muito nela, eu ajudava a defender ela e que apanhava junto foi embora aos 6 anos de idade. <i>(foi morar no centro, menino de rua)</i>

7	<p>— A relação com a mãe era bom sempre me deu apoio né, ...ela falava prá mim não fugir, sempre me dava apoio, sempre tava vindo buscar</p> <p>— A minha mãe sempre foi por mim entendeu..., mas eu sou o filho melhor dela.</p>
8	<p>— Minha mãe foi legal comigo, não me tratou mal, sempre me deu apoio ela me xingava...mãe é mãe...né dona.</p>
9	<p>— Sempre tive uma relação muito boa com a minha mãe, ela sempre conversou muito comigo, sempre foi muito atenciosa comigo, sempre me dei muito bem com ela.</p>
10	<p>— Eu com a minha mãe? Era legal com a minha mãe, gostava muito dela, com a minha mãe....Não gostava do meu pai. <i>(a mãe vem visitar)</i></p> <p>— Eu lembro a gente morava lá no ..., meu pai chegou bêbado e começou a fuxicar com a minha mãe e a brigar, não sei o que houve, lá que pegou fogo na minha casa. <i>(queimou tudo)</i></p>
11	<p>— É bem, me dou tri bem com ela, ela me dá conselhos assim, conselho prá mim, trabalhar, agora vou trabalhar.</p>
12	<p>— Era boa <i>(vem visitar)</i>; Ah! Nem sei dizer dona. (Silêncio) Bah! nem sei dizer mesmo, tô tri esquecido, esses remédios me deixam ficar meio louco. <i>(ele parece sonolento, com fala enrolada)</i></p>

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 4 : A RELAÇÃO COM SEU PAI, COMO ERA ? O QUE MAIS MARCOU ?
	RESPOSTAS
1	<i>Não respondeu.</i>
2	<i>Não falou sobre essa relação; somente da relação com o padrasto (chegou aos 5 ou 6 anos) — era mais que um pai para mim. Lembra que o padrasto o levava para jogar bola, — ele nunca bateu em mim só conversava .(o pai brigava com a mãe e ela se separou)</i>
3	<i>Não fala do pai. (adotado / mãe de criação)</i>
4	<i>— Ah! Era tri boa, sempre me dei tri bem com ele. Nunca briguemo eu com meu pai.</i>
5	<i>— Agora é legal, mas antes batia muito em mim, agora não. Batia em mim, no meu irmão, na minha irmã. Batia porque nós começamos a sair prá rua com 10 anos, eu e meu irmão; comecei a fumar cigarro, maconha comecei a encarar umas pedras. (o pai é frentista)</i>
6	<i>— Com meu pai eu só tinha discussões essas coisas assim mais ele era um cara tri, só que as vez fumava demais, bebia demais, extrapolava. (pai usava cocaína / os pais faleceram)</i>
7	<i>O pai morreu quando tinha menos de um ano, viveu com o padrasto que era investigador de polícia; — quando fazia cagadas ele pegava e chamava e conversas, não, tá errado isso. (pai morto em assalto)</i>
8	<i>— Quando a minha mãe ia trabalhar, aí ele ia receber, quando ele voltava, ele ia no campo da Tuca, e começava a fumar pedra, e eu ficava só olhando, eu e meu irmão ia junto. (O pai morreu de tuberculose) — Ele é tri o padrasto fuma maconha, é alcoólatra</i>

9	— Com o meu pai sempre tive uma relação tranqüila, mas as vezes a gente se batia de frente. Era tenebroso, não chegava ao espancamento, mas o chinelo e a cinta comia. <i>(o pai é chapa)</i>
10	— Com meu pai, não era muito bom, não falava muito com ele, chegava bêbado em casa ih..., só queria brigar com nós. Antes não era muito bom, agora eu converso me dou bem com ele. <i>(o pai não vem visitar)</i>
11	— Me dou tri bem com ele. <i>(o pai usa drogas, são separados, mora em outra cidade, não vem visitar – o pai o iniciou nas drogas) (mora com o padrasto)</i>
12	— Era boa(<i>não lembra</i>) não sei dizer dona, era pequeno, O pai (bebia) morreu, ele tinha 10 anos, pegou cinco anos de central, três fechado,, ...mais três em semi aberto, se enforcou em casa, preso por dar tiro o cara está até hoje em cadeira de rodas.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 5 : IRMÃOS : QUANTIDADE E POSIÇÃO.
	RESPOSTAS
1	<i>Só tem irmãs, só ele de homem</i>
2	<i>Tem cinco irmãos: — É eu mais uma guria, eu sou prá ela um dos mais novos, ela tem uma guria.</i>
3	<i>— Cinco guris, irmãos maiores.</i>
4	<i>— Tem mais, um outro de 15, um de 20, tem mais 2 que mora com o padrinho e a madrinha deles, uma gurizinha de 6 e um guri de 2.</i>
5	<i>— Tenho uma irmão de 20 anos e uma irmã de 12.</i>
6	<i>— Tenho na base, uns sete, oito(<i>irmãos</i>) menores que eu. (<i>vivem com a avó do padrasto, padrasto, tios, tias</i>)</i>
7	<i>Tem seis irmãos: — um com 21, outra irmã com 15, irmão de 19, um irmão de 7, outro 6 e uma irmãzinha de 1 ano.</i>
8	<i>Tem dois irmãos, um de 8, outro de 9 anos.</i>
9	<i>Não respondeu.</i>
10	<i>Tem cinco irmãos .(<i>dois mais velhos do que ele</i>)</i>
11	<i>— Comigo 5; uma guria de 21, um de 17, eu de 14, a gurizinha de 7 e um guri de 5.</i>

12

— Tenho 8 irmãos, uma irmã que é mais velha, eu sou o mais velho dos guris, tudo escadinha. *(lembrou que uma não era do mesmo pai)*

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 6 : O QUE VOCÊ LEMBRA DA SUA ESCOLA? O QUE TE MARCOU?
	RESPOSTAS
1	— O que eu lembro é legal dona, que o cara quer aprender é só o cara se esforçar, eu estou aqui na escola.
2	— Eu ficava namorando com as gurias” Marcou a repetência. Repetiu todas as séries. <i>(falou até a 4ª série)</i>
3	— Eu ia na escola, “eu prestava atenção”, Não prestava atenção tava viajando estava brincando na sala. <i>Não lembra de mais nada</i>
4	— Eu me lembro que eu se interessava das coisa, se interessava bastante, repeti uns 2 anos parece, gostava de fazer amizade com os alunos, os colegas.
5	— Aprontava, fazia bagunça, alguns profs não gostavam da minha cara, me chamavam de ladrão(na 4ª ou 5ª). <i>lembra de um guarda que usa drogas, ”que andou dando punhalada na minha cara</i>
6	<i>Lembra que fazia muita bagunça, marcou mais foi a banda da escola, onde tocava, o passeio à Caxias com a banda . Parou de estudar, começou a trabalhar</i>
7	— Eu me lembro muito de nada, agora faz pouco tempo que eu voltei, Eu me lembro da prof. ensinando a,b,c,d este bagulho todo, O que mais marcou: os piás querendo me arrear.
8	— Que eu lembro da escola? A bagunça que eu fazia. Eu me lembro da escola eu comandava lá na escola eu e mais um gurizão da vila ...
9	— Desinteressei com o estudo, eu só incomodava, só incomodava no colégio, brigava..., fui expulso de 3 colégios..., por bagunça e briga. 1º momento: silêncio
10	— Da escola, eu era muito rebelde, não fazia nada, só ia prá brigar, só prá passar o tempo mesmo, se divertir no colégio..., brigava só por brigar, sentir o prazer de brigar . <i>(não lembra nada, só das brigas)</i>
11	— Era bom, estudava, brincava, detonei, coca-cola, refri, jogava futebol, era capitão do time..., o que mais marcou foi matemática..., eu gostava muito..., era briguento e bagunceiro.
12	— Bah!..., eu quase não ia à aula..., não gostava de estudar..., só gostava de matemática, o resto matava aula..., eu comia só merenda no colégio, estudava na aula de matemática e ia embora

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 7 : ATÉ QUE SÉRIE ESTUDOU ?
	RESPOSTAS
1	<i>Está fazendo a 1ª série, não sabe. Estudou até a 1ª série</i>
2	<i>Estudou até a 5ª série</i>
3	<i>Estudou até a 3ª série</i>
4	<i>Estudou até a 4ª série</i>
5	<i>Estudou até a 5ª série</i>
6	<i>Estudou até a 5ª série</i>
7	<i>Estudou até a 3ª série</i>
8	<i>Estudou até a 5ª série</i>
9	<i>Estudou até a 6ª série</i>
10	<i>Estudou até a 6ª série</i>
11	<i>Estudou até a 2ª série/tinha 11 anos</i>
12	<i>Estudou até a 5ª série</i>

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 8 : O QUE ACONTECEU PARA IR PARA A FASE?
	RESPOSTAS
1	— Não me apresentei ao fórum, eu peguei um ano..., eu caí, roubo celular e carteira.
2	— Com 7 anos, roubava a casa “das burguesias”. <i>Cometeu um homicídio, briga de tráfico;</i> — o cara falou que ia me matar, então matei primeiro. <i>(cometeu mais de 5 homicídios)</i>
3	— Roubava..., sei lá comecei a sair com os guris, saía e fumava drogas, comecei a aprontar, daí, roubava casas, sem homicídio e sem armas.
4	— Eu e mais uns amigos fomos assaltar o cara, daí esse que estava comigo tava com a arma, daí ele pegou e deu a voz de assalto pro cara, daí o cara puxou a faca prá ele, daí ele deu três tiros no cara.
5	— Fiz um assalto ao ônibus e me meti em umas broncas, um assalto a um mercado e de outras.
6	— Roubo de carros, na base de 30 a 40 carros.
7	“Roubei um autopeças roubei um carro dei um tiro na vítima ele morreu.
8	— Matei um cara, fui roubar o cara, o cara reagiu e eu matei ele — Fiz um monte de assaltos. <i>Já matou 2 pessoas (na hora não estava chapado)</i>
9	— Roubava..., no centro, eu era mão no bolso.
10	— Foi assalto, eu roubei, comecei a roubar prá usar drogas..., matar eu não! eu só participei só não cheguei a matar. <i>(assalto a mão armada, Assaltava mercado, loja, comércio, ônibus, qualquer coisa)</i>
11	— Comecei a roubar com 9 anos, conheci as drogas, eu vi meu pai usando drogas na minha frente, usava pedra, ele deu uma naba, botei na boca, experimentei; — Gostou filho? – Gostei. Aí comecei a roubar com uns amigos meus. <i>(2 homicídios)</i>
12	— Bah! mau companhias dona. Roubo de carro.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 9 :		
	VOCÊ TEM RELIGIÃO ?	QUAL ?	COMO FOI SUA ESCOLHA ?
	RESPOSTAS		
1	— Não		
2	— Não só freqüento uma	Umbanda (<i>sacrifício de animais</i>)	— É o mundo do crime...a gente tudo lá, o que a gente ia fazer na igreja ? — a Umbanda defende...
3	— Católico, eles eram crentes evangélicos, foi batizado		— Eu tava na crente, depois larguei de mão
4	— Sim <i>os pais não são</i>	— adventista	<i>a tia levou aos 10 anos, aos 16 parou de ir</i>
5	— Não	<i>Os pais são da assembléia de deus</i>	
6	— Sim	— adventista	<i>a senhora que o acolheu, pediu para uns vizinhos o levar para a igreja</i>
7	— Nenhuma		— Não gostei
8	<i>Sim (fez sinal com a cabeça)</i>	— Batuque (<i>sacrifício de animais</i>)	
9	— Só fui batizado	— Igreja dos Santos dos Últimos Dias	
10	(Silêncio) — Eu tinha religião antes, mas houve um problema e eu larguei de mão	— Umbanda	— Foi eu

11	— Tenho	<p>— Batuque / linha branca/cosm o <i>(sacrifício de animais)</i></p>	— Minha mãe escolheu <i>(a mãe é batuqueira desde pequena)</i>
12	— Não tenho, tenho de igreja	— Universal	— Minha mãe ia naquela igreja

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 10 :		
	VOCÊ COSTUMAVA FREQUENTAR ALGUMA IGREJA ?	QUAL ?	POR QUE ?
	RESPOSTAS		
1	— Já fui à igreja	— Universal / Viamão	— Obreiro o convidou
2	<i>Freqüenta só a Umbanda (não perguntei de outras igrejas)</i>		
3	<i>Freqüentou a igreja crente, depois largou de mão</i>		<i>Não sabe</i>
4	<i>Freqüentou até os 16 anos a Igreja Adventista Sei lá eu parei por parar</i>		
5	<i>Freqüentou até os 13 anos, parou porque estava levando outro rumo</i>		
6	<i>Freqüentou até os 13 anos, saiu porque tinha que trabalhar aos sábados. — Não podia comer carne de porco, não pode isso, não pode aquilo</i>		
7	— Não gostei nada de religião, de igreja de batuque, de nada		
8	<i>Freqüentou a Igreja Universal, a mãe ia e a avó era obreira</i>		
9	— Frequentei a igreja dos Santos dos Últimos Dias		<i>Convenceram a ser batizado trabalham no campo psicológico</i>
10	<i>Não respondeu</i>		
11	— Já fui crente	— Reino de Deus	<i>não respondeu</i>
12	<i>ver pagina anterior</i>		

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 11 : <i>O QUE É DEUS PARA VOCÊ ?</i>
	RESPOSTAS
1	(Silêncio) — Não sei.
2	— Deus é um santo que salvou nossa vida, que salvou nossa vida pela vida de seu filho. Ele trocou né, a vida dele pela nossa e agora a gente não sabemos aproveitar.
3	— Deus é ...(Silêncio), ...o Deus tem que crer nele né, Deus é Santo.
4	— Só o nome dele é uma coisa importante, Deus é viver a vida melhor por causa que tudo que a gente precisa ele consegue prá gente.
5	— Deus ? (Silêncio)
6	— É tudo....Ele é o maior, que faz as coisas pela gente.
7	— Deus é aquele que tá lá em cima, fica olhando lá as pessoas ali na terra.
8	— Ninguém, eu não acredito em Deus.
9	— O que é Deus ? (Silêncio) Pergunta complicada, ele é uma pessoa muito boa, ele é igual a nós, mas ele tem um certa diferença, ele que nos criou, né dona, eu acho que ele é o poder mais alto.
10	— Deus ? (Silêncio) — Deus é muitas coisas prá mim, Deus significa paz, monte de coisa, amor, fraternidade.
11	— Deus é uma pessoa como eu, ele que me criou, me dá a natureza, que criou minha mãe prá mim, me escolheu como um servo dele.
12	— Bah! Não sei dizer, Bah! Esses remédios me deixam louco <i>refaço a pergunta</i> (Silêncio) — Bah! O que fortalece o cara.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 12 : VOCÊ ACHA QUE AS PESSOAS DEVERIAM TER UMA RELIGIÃO? POR QUE?
	RESPOSTAS
1	<i>Sim(sinal com a cabeça)</i> , — porque bom né e crê, tem uns que não acreditam em Deus, eu já acredito.
2	— Hum ...Hum...(sinal com a cabeça) Porque cada um gosta, né, de uma religião.
3	— Acho, porque mais ???; Ser abençoado por Deus; a benção é bom prá gente crer mais em Deus, ter mais como a gente se diz, não sei, mais fé.
4	— Acho por causa que todas as pessoas tivessem religião não existira nada de ruim no mundo.
5	— Acho porque ? (Silêncio) (<i>Suspiro</i>) (Silêncio)
6	— Não é obrigado mais deveria. — é um modo de tu poder...,como vou dizer, te abrir, conversar, um negócio prá ti fazer um negócio que tu gosta de fazer.
7	— Eu acho que não. — tem que confiar em Deus mas não ir a igreja. — na igreja eles só roubam o cara. — tira dinheiro do cara, colocando já Deus no meio.
8	— Acho que cada um deveria ter sua religião.
9	— Depende muito né dona, porque eu acho que nem todo mundo tem que ter uma religião. — Basta crê. — Prá que serve a religião, serve prá tu seguir o caminho de Deus, mas tu pode seguir o caminho de Deus, sem ter religião.
10	— Acho que devia. — Prá se sentir melhor.
11	— Acho. As pessoas são muito loucas, muito loucas da cabeça.
12	— Claro! — Porque sim, buscar tudo a mesma religião, não o batuque, essas coisaradas aí .(<i>achou ruim as manifestações do demônio no batuque</i>)

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 13 : AS RELIGIÕES AJUDAM AS PESSOAS ? COMO ?
	RESPOSTAS
1	<i>Não respondeu.</i>
2	— Tem umas que ajudam e tem outras que pioram, tem outras que falam que ajudam, mas pioram, a igreja tira dinheiro das pessoas.
3	<i>Não respondeu.</i>
4	— Ajudam um monte” “ajudam e assim por exemplo as pessoas que não entendem, ajuda a entender que o caminho certo, ajuda um monte...as religiões.
5	— Pode ajudar até...(Silêncio), só não sei se vai ajudar muito. — Tem muitas pessoas que estão nesta vida há muito tempo, eu acho que não tem cura.
6	— Sim, sim ajudam. — Eu acho que dá paz, dá...como é que vou dizer...dá uma tranqüilidade, fala daquilo ali pros outros, uma coisa que te conforta.
7	— Ajuda um pouco, tu tem fé em Deus, não precisa tu ir na igreja nada, Ter fé em Deus.
8	— Um pouco. — tem certas coisas, tem gente que crê em..., um bagulho assim fica pedindo assim, acontece o bagulho as pessoas ficam feliz Oh...
9	— Eu creio que sim. — Eu já vi mudar a vida de muitas pessoas, né dona, em certas ocasiões uma pessoa que está doente, e o médico, dando remédio e não adianta, e vir pastores e oração e oração e a pessoa começa a melhorar
10	— Como eu não sei, mas que ajudam, ajudam.
11	— Ajudam prá caramba, ajudam as pessoas. — Igreja batuque, dando conselho, monte de conselho prá pessoas.
12	— Acho que ajudam. — Fortalecendo as pessoas. — Ajudando a pessoa na igreja.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 14 : QUE É FÉ PARA VOCÊ ?
	RESPOSTAS
1	— Fé prá mim é confiar naquele negócio ali, ter fé.
2	— Fé é seguir..., é crer em alguma pessoa, como creio eu sempre em Deus.
3	— Fé é a gente crê numa coisa que a gente crê.
4	—...a fé é assim é uma coisa assim, querer pedir prá Deus e crer que aquela coisa; por exemplo: eu peço um milagre prá Deus assim que ele dê, é só eu Ter fé; por exemplo eu to aqui dentro, começo a orar para ele e pedir todo dia, Ter muita fé prá ele que você vai conseguir.
5	— Fé? (Silêncio) — Não sei!
6	— Fé é crer em Deus.
7	— A fé é ..., tu não precisa ir na igreja, rezo todo dia de noite.
8	— Fé é crê em alguma coisa.
9	— Fé é tu acreditar né, ter fé, acreditar muito naquilo.
10	— Fé ? Fé é acreditar no...(Silêncio) — Acho mais é acreditar. — Acreditar nas pessoas que falam em Deus.
11	— Fé? Que Jesus vai voltar e vai me levar.
12	— Fé, buscar aquela palavra dona, acho que é isso aí, não sei. — Palavra de Deus tem uns que vão na palavra, e não no batuque né dona.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 15 : VOCÊ TEM FÉ ? EM QUE MOMENTO A FÉ FOI IMPORTANTE NA SUA VIDA ?
	RESPOSTAS
1	— Tem fé, A fé importante prá minha vida ? Não sei.
2	— Tenho fé que nem aquela música dos Racionais, fé em Deus que ele é justo..., que não se esqueça na guarda guerreiro, levante a cabeça. A fé é importante quando acontece alguma coisa prá nós, daí a gente queremos se agarrar em Deus
3	— Tenho fé, foi importante eu sair da Febem.
4	— Tenho fé e esperança. Foi importante no Ano Novo, quando rezei prá mim poder ir para casa, passar o Ano Novo com a minha família. <i>Atividade começou no Ano Novo</i>
5	<i>Não respondeu</i>
6	— Olha, eu já estou perdendo a fé, eu já estou desacorçoado, tô perdendo a noção do tempo, eu tô desistindo já, tô meio caído, meio desistindo da vida. <i>(iniciou medicação para depressão)</i>
7	— Não digo que eu tenho fé, fé mesmo, um pouco de fé eu tenho. Foi importante quando minha mãe não veio me visitar, ficou doente, eu rezei, ela ficou boa.
8	— Não sei, acho que tenho fé, eu acredito nos bagulhos. A foi importante ? (Silêncio) <i>(Suspiro)</i> Não sei.
9	— Graças a Deus. Foi importante quando minha mãe ficou 4 meses em cima da cama, ela tem reumatismo nos ossos, ela tava paralisada, eu tinha muita fé, que Deus ia me ajudar, minha mãe sair daquela, e graças a Deus foi um momento importante na minha vida.
10	— Tenho (Silêncio)., foi quando eu tava na religião de Umbanda. Falei que eu ia parar e....fiz uma promessa de fé e parei. Não é assim de parar deseguir a religião. <i>(ele estava sendo preparado para ser guia e a Umbanda não deixa sair)</i>
11	— Tenho. Foi quando eu ganhei cana, botei fé prá nunca ser preso, eu larguei a fé caí em cana.
12	— Tenho, até agora nada, caí presa, perdi minha namorada.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 16 :
	SE VOCÊ PUDESSE MUDAR ALGUMA COISA NA TUA VIDA, O QUE VOCÊ MUDARIA ?
RESPOSTAS	
1	(Silêncio) — Eu não sei te dizer.
2	— Mudaria tudo, começaria tudo pedindo que Deus me perdoasse o que eu fiz para os outros, e Ter minha família de novo perto de mim, toda minha família, mas tá faltando pedaço.
3	— Trabalho, serviço, no passado mudaria a parte de ter roubado.
4	— Na vida gostaria de mudar tudo, mudar o jeito que eu sou.
5	— O rumo que eu segui.
6	— A vida que eu tô hoje, teria voltado no tempo, e começado tudo de novo, procurando outro caminho, não entrando pelo caminho que estou hoje.
7	— Bah! Mudaria... só arrumar um serviço eu parava de roubar.
8	— Eu mudaria sim, tirava o bagulho do crime e encontrava um emprego no caminho certo.
9	— Se eu pudesse voltar atrás, eu mudaria esta parte da minha vida que estou passando, dos 15 aos 17 anos, eu mudaria essa parte.
10	— O que eu mudaria? O meu jeito de ser, porque eu sou uma pessoa assim, que por qualquer coisa eu estouro, fico muito invocada, eu não tenho controle, brigo bastante. Fico com muita raiva mesmo, pode tá dando tudo certo mas eu não acho, não consigo...eu falo que tá errado e tá errado.
11	— Largava as drogas e trabalhasse.
12	— Não sei dizer...(Silêncio)...Bah! Mudar dona, parar de usar droga (<i>repeti a pergunta</i>) — Bah! Eu não sei dizer dona, não sei dizer mesmo.

ENTREVISTADOS	PERGUNTA N.º 17 :
	QUAIS OS SEUS PLANOS PARA O FUTURO ?
	RESPOSTAS
1	— Para o futuro, eu vou sair daqui, vou trabalhar, eu só dei tristeza prá minha mãe, eu vou dar felicidade prá ela, pro meu filho que eu tenho, prá minha esposa, pro meu pai.
2	— Olha dona, não tenho plano ainda...Não dá prá pensar em plano prá futuro, que dá tudo errado, eu pensei que eu ia estudar, voltar a vida normal, mas faltou apoio, me impediram antes..., aconteceu esse bagulho com a minha família (<i>está marcado de morte</i>)
3	— Ter uma profissão e estudar.
4	— É seguir em frente, é conseguir um trabalho bom e juntar dinheiro e mudar por exemplo, construir uma coisa melhor, um serviçinho bom e ajudar o meu pai.
5	— Fazer um tratamento prá drogas, agora quando eu pegar atividade eu vou fazer, depois quero pegar um serviço prá mim, que nem diz o cartaz, que prá largar as drogas e o crime só arrumando uma mina firmeza.
6	— Meu plano é Ter uma família, comprar uma casa, um carro. (<i>pretende conseguir trabalhando</i>)
7	— Ah! Meus planos, agora tô fazendo dezoito já, vou ver se paro de roubar, vou tentar para de roubar.
8	— Meus planos, parar de roubar, acerto minhas contas com a sociedade, vou prá rua e daí trabalhar né dona.
9	— Vou completar o meu I grau. Vou trabalhar de dia e estudar à noite (<i>fazer o II grau</i>)
10	— O futuro ? Pretendo melhorar, arrumar um serviço prá mim, voltar a estudar, largar o resto de mão (<i>está medicado, mas continua agitado, diz que não consegue parar de sentir raiva.</i>)
11	<i>Não respondeu.</i>
12	— Parar de usar drogas quando sair daqui, trabalhar e ajudar minha mãe